



Documento

“Exigências éticas da ordem democrática”

A NOVELA E SUAS MENSAGENS AMBÍGUAS

**Você se comunica?
Aprenda a conversar**

CREIO NO HOMEM NOVO



Creio no impossível e necessário Homem Novo!

*Não creio na segregação racial ou classista
(porque uma só é a imagem de Deus no
Homem).*

*Não creio no desenvolvimento das minorias
nem no desenvolvimento "desenvolvimentista"
da maioria. (Porque esse desenvolvimento já
não é o nome novo da paz.)*

*Não creio no progresso a qualquer preço.
(Porque o homem foi comprado ao preço do
sangue de Cristo.)*

*Não creio na técnica mecanizadora "dos
que dizem ao computador: nosso pai és tu".
(Porque somente o Deus Vivo é nosso Pai.)*

*Não creio na sociedade de consumo.
(Porque só são bem-aventurados os que têm
fome e sede de justiça.)*

*Não creio na Cidade Celeste à custa da
Cidade Terrestre. (Porque "a Terra é o único
caminho que nos pode levar ao Céu".)*

*Não creio na Cidade Terrestre à custa da
Cidade Celeste. (Porque "não temos aqui
cidade permanente e vamos para a que há de
vir".)*

*Não creio no homem velho. (Porque creio
no Homem Novo.)*

*Creio no Homem Novo que é Jesus Cristo
Ressuscitado, primogênito de todo Homem
Novo!*

Amém. Aleluia!

D. Pedro Casaldáliga

- 2 • CREIO NO HOMEM
Poema de esperança cristã.
- 4 • A IGREJA NO MUNDO
Notícias
- 7 • VOCÊ SE COMUNICA?
APRENDA A CONVERSAR
Autenticidade, naturalidade e sinceridade, sem elas não há conversa construtiva.
- 9 • PRECE DE UM COMUNICADOR
Senhor, ensinaí-nos a comunicar vossa Vida.
- 10 • OS JOVENS, E A PROPAGANDA
Os jovens, para o marketing, são simples objeto de consumo.
- 11 • COMUNICAÇÃO: A NOVELA E SUAS MENSAGENS AMBÍGUAS
Os SALVADORES DA PÁTRIA da TV.
- 12 • A PALAVRA DO PAPA
O valor do martírio e a força da caridade.
- 13 • BOLOS DE FORNO, ASSADOS PELA METADE
A tentação de ser medíocre na vida espiritual.
- 16 • A SOCIEDADE COMO IMAGEM DA TRINDADE
A sociedade deve espelhar-se na trindade para um digno desenvolvimento.
- 17 • “EXIGÊNCIAS ÉTICAS DA ORDEM DEMOCRÁTICA”
Documento da 27ª Assembléia da CNBB — Itaiç, abril, 1989.
- 29 • MENSAGENS MARIANAS
Maria: testemunho de Jesus, exemplo de fé.
- 31 • O QUE DEUS UNIU...
Matrimônio, sinal sagrado do amor humano.
- 32 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA
“Quem quer casar com...”
- 34 • RELENDO A BÍBLIA
- 35 • PÁGINA CATEQUÉTICA
Contemplação na ação.
- 36 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA
(23 jun.; 30 jul.; 6 ago.; 13 ago.)
- 39 • O “OITAVO SACRAMENTO”
Terra Santa — Jerusalém.
- 40 • RECADO DO CORTÊS
- 44 • ESTOU ENVELHECENDO
Oração/poema de uma monja do séc. XVIII.

“EXIGÊNCIAS ÉTICAS DA ORDEM DEMOCRÁTICA” Instrumento de conscientização cristã e de participação

O nosso tempo vem sendo marcado por numerosas crises, enraizadas num passado também recente, eivado de arbitrariedades, de irresponsabilidades e de impunidades. Planos econômicos sem efetivas soluções; greves contínuas comunicadas e não comunicadas ao público; um empobrecimento sistematizado da grande maioria da população e uma preocupação dos políticos somente nas futuras eleições de novembro, isto é, nenhum deles quer ficar fora do “bolo” do poder e dos privilégios.

A Igreja no Brasil tem se preocupado com isso. Não somente com os acontecimentos políticos e econômicos, antipatrióticos e anticonstitucionais mas também com a mentalidade que os gera, com a ideologia sem ética que arquiteta e mantém o “status quo” que privilegia as minorias em detrimento dos direitos da maioria do povo.

A recente Assembléia Geral da CNBB — 27.^a — realizada em Itaiç em abril de 1989 põe às claras essa nossa situação brasileira e propõe aos cristãos — conscientes de que como Igreja devem ser “sal da terra”, “fermento na massa” — um novo empenho para uma transformação profunda da sociedade.

O documento “Exigências da Ordem Democrática” que apresentamos integralmente neste número, destaca que “é urgente reabilitar os valores da verdade, da liberdade, do amor, da justiça, da solidariedade e da paz”. É o Reino de Deus que se pretende construir a partir da mudança das mentalidades e daí a transformação das estruturas.

O documento, base importante para estudos sobre a postura cristã diante dos acontecimentos e crises atuais, ajuda os cristãos e pessoas de boa vontade e entender melhor os mecanismos ideológicos e práticas políticas que se envolvem com a ordem constitucional e a ordem democrática.

As eleições presidenciais estão próximas. Os votos dos cristão são relevantes e decisivos. Qual o candidato e qual o partido que merecem credibilidade? Quais os programas de governo apresentados nas campanhas de fato revelam a capacidade e o compromisso com o Direito Constitucional — conforme dita o Preâmbulo da Constituição — “destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos”? O documento “Exigências Éticas da Ordem Democrática” é indispensável para um discernimento cristão diante das campanhas presidenciais.

O voto tem em vista apoiar quem de fato esteja comprometido em diminuir a distância entre a riqueza de alguns poucos e a pobreza da maior parte da população. O voto é a expressão política de participação e compromisso.

P.C.G.

Famintos são 500 milhões no mundo, segundo a ONU

Nova Iorque, Estados Unidos (AGEN) — Pelo menos 500 milhões de pessoas estão, neste ano, passando fome no mundo, apesar da produção de alimentos ter aumentado nas últimas décadas. Desse total, 300 milhões vivem na Ásia, 125 milhões na África, 50 milhões na América Latina e 25 milhões na América Ocidental, segundo estudos das Nações Unidas.

Fenômenos como a seca e a desertificação, as inundações e a luta civil contribuem para diminuir a produção "per capita" de alimentos em vários países. Especialmente na África com 27 países, Ásia (Índia, Bangladesh e Paquistão) e cinco da América Latina e Caribe (Honduras, Equador, Peru, Bolívia e Haiti).

Contudo, o estudo da ONU prevê uma melhoria, a longo prazo, da nutrição infantil no mundo, embora a carência da vitamina "A" nos países em desenvolvimento seja a causa principal da cegueira, principalmente nos menores de idade.

Padre conta em livro, experiência na guerrilha

Petrópolis, RJ (AGEN) — A Editora Vozes está lançando o livro "Um Sacerdote na Guerrilha — Testemunho de Vida Evangélica de Rogelio Poncele na Frente de Morazán", de María López Vigil. O livro é o depoimento de um padre belga, de 46 anos, que está junto à guerrilha de El Salvador "sem ser guerrilheiro", fato comentado por d. Pedro Casaldáliga na apresentação:

"Com respeitosa emoção se lê este depoimento, porque sincero, porque total. Uma vida inteira, doada e contada sem reticências. Um testemunho maior, beirando o próprio martírio e traspassado de milhares de mártires irmãos. Todo o sofrimento, o sangue todo da América Latina, secularmente proibida e martirizada."

Depois, d. Pedro comenta: "Padre Rogelio não é sacramentalista nem guerrilheiro. É padre evangelizador e celebrante no meio da guerrilha ou na 'guerra popular' de El Salvador. Aprendeu a integrar a morte no próprio projeto de vida'. Está amando o povo salvadoreño daquele jeito que Jesus queria: até o fim".

A autora, uma experiente narradora das lutas do povo e do Reino na América Latina, acentua que Rogelio é tímido, medroso, fraco, e ao mesmo tempo decidido, firme, impetuoso, duro até. A conversa entre ambos, da qual resultou o livro, durou pouco mais de 10h, com poucas interrupções e um

roteiro, "que depois foi amplamente superado por nosso gosto comum, pela anarquia da palavra".

María López Vigil acrescenta, ainda na introdução: "O que Rogelio me contou nessas longas horas de conversa, salpicadas de cafezinhos, expressa bem a evolução experimentada pela Igreja salvadoreña e, em grande parte, por toda a Igreja que está na América Latina, nestes últimos vinte anos. É a evolução de uma pastoral que vai ficando clara. E se radicalizando. Quer dizer, que volta às raízes mais importantes do Evangelho de Jesus".

A tradução é de Jaime A. Clasen, e o livro pode ser encontrado nas livrarias Vozes ou então o pedido deve ser feito diretamente à Editora, à rua Frei Luís, 100, CEP 25689, Petrópolis, Rio de Janeiro.

Roubo de madeira em área indígena

Manaus (CIMI-AGEN) — O Cimi — Conselho Indigenista Missionário — recebeu informações sobre o roubo de madeira na área indígena Paumari, no município de Lábrea. Foram roubados e vendidos 100m³ de madeira de lei. Outros dois mil já foram saqueados e aguardam o mesmo destino.

O ex-prefeito daquele município, José Falcão, também conhecido como Tino, é acusado de estar mandando empregados retirar a madeira em área indígena. Também há uma firma madeireira na área fazendo derrubadas com motosserras. A pedido da Funai, a Polícia Federal en-

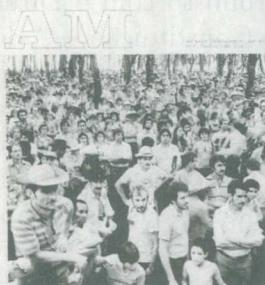
viou um agente a Lábrea, que não encontrou o ex-prefeito e prometeu voltar. Até o momento nenhuma providência foi tomada.

A área indígena de Paumari é habitada por 320 índios e foi identificada pela Funai no final de 1987. Informações que chegam ao Cimi mostram que é grande a quantidade de madeira que está sendo retirada ao longo do rio Purus. Apesar da Constituição Federal assegurar aos índios usufruto exclusivo das riquezas naturais existentes em suas terras, são inúmeras as denúncias de invasões e saques em toda região amazônica, gerando conflitos e até mesmo mortes — principalmente de índios.

Padre Josimo: após três anos, mandantes continuam impunes

São Paulo (AGEN/CDHAL) — "Quase cansados de tanto denunciar assassinatos e violências contra trabalhadores rurais sem terra, cabe-nos hoje, mais uma vez, a tristeza de informar à opinião pública de que foi assassinado pe. Josimo Moraes Tavares, 33 anos, em Imperatriz, MA, na sede da CPT local". Assim dizia a nota da Diretoria Nacional da Comissão Pastoral da Terra, do dia 10 de maio de 1986.

Padre Josimo estava sendo ameaçado de morte há muito tempo. No dia 15 de abril do mesmo ano, foi vítima de atentado, "só não morrendo porque as balas assassinas não



Documento
"Exigências éticas da ordem democrática"
A NOVELA E SUAS MENSAGENS AMBIGUAS
Você se comunica?
Aprenda a conversar

perfuraram a porta de seu Toyota”.

Em seu comunicado, o bispo de Tocantinópolis d. Aloísio Hilário de Pinho, um dia após o assassinato, lamentou que “nenhuma medida rápida e eficiente foi esboçada para sanar tais problemas”, em referência ao atentado sofrido por Josimo.

O religioso nasceu na cidade de Marabá-PA, em 1953. Na grande enchente de 1957 foi obrigado, juntamente com seus familiares a se mudar para Xambioá-GO, onde viveu até os 11 anos de idade, quando foi para o seminário menor Leão XIII, em Tocantinópolis, dirigido pelos padres de d. Orião. Estudou também no seminário de Aparecida, SP. Em 1971, fez Filosofia no Instituto Filosófico dos Salesianos, em Lorena (SP). Foi em Petrópolis (RJ) que conheceu de perto a espiritualidade franciscana e a Teologia da Libertação, por meio de Frei Leonard Boff.

Josimo foi ordenado sacerdote na cidade de Xambioá em janeiro de 1970, há 10 anos portanto. Seu primeiro trabalho pastoral foi com outro padre, na paróquia de Wanderlândia-GO. Tendo ficado sozinho à frente da paróquia, começou o seu trabalho junto à Comissão Pastoral da Terra. Foi escolhido coordenador da Pastoral da Juventude e depois coordenador da pastoral geral da diocese.

Josimo foi assassinado quando era vigário da paróquia de São Sebastião do Tocantins e coordenador diocesano da CPT. O pistoleiro Geraldo Rodrigues da Silva foi a julgamento no dia 9 de abril de 1988 e condenado a 18 anos e seis meses de pri-

ção — encontra-se preso no estado do Maranhão. O júri aconteceu em Imperatriz e foi presidido pelo juiz daquela comarca dr. Raimundo Luciano de Carvalho.

Em entrevista concedida à *AGEN*, o secretariado nacional da CPT denuncia que os mandantes, Osmar Teodoro da Silva (então vereador em Augustinópolis pelo PMBD), Vilson Nunes Cardoso e Geraldo Paulo Vieira continuam soltos e de paradeiro desconhecido.

África: campeã em condenações à morte

São Paulo (*AGEN*) — A África do Sul é o país campeão em condenações à morte. Atualmente existem 300 pessoas esperando suas execuções. A maioria delas — presos políticos ou comuns — é de negros e pobres. São operários não qualificados, com menos de 30 anos, oriundos de famílias fragmentadas e sem completarem o curso mínimo escolar.

Além disso, mais de um terço dos condenados à morte é defendido por advogados indicados e mal pagos pelo Estado. No momento, não existe nenhum juiz negro na África do Sul. Os juízes brancos exigem sempre a presença de tradutores nos julgamentos porque não entendem as línguas africanas.

A organização de direitos humanos “Black Sash” (Tarja negra) vem afirmando que os tradutores “fazem uma tradução literal, deixando de lado a linguagem corporal que acompanha a declaração,

principalmente no caso dos negros”.

Presos em greve de fome — Os 35 presos em greve de fome em Pietermaritzburg já liberados pelo governo estão sob restrições legais que os impedem de participarem de qualquer atividade política. Outros 45 detidos entraram em greve de fome na prisão de Westville, em Durban, porque nenhum deles foi posto em liberdade, conforme o governo havia prometido.

Existem presos em greve de fome há mais de 28 dias. A Comissão de Direitos Humanos de Johannesburg declarou que “há pelo menos 12 adolescentes ainda detidos. Um deles com apenas 15 anos de idade, sem nenhuma acusação formal contra ele”.

Greve de fome resulta em criação de subsecretaria

Porto Alegre, RS (*AGEN*) — Durante a greve de fome realizada no Rio Grande do Sul, e encerrada no último dia 28, d. Ivo Lorscheiter, presidente do regional Sul 1 da CNBB, reuniu-se com o secretário de Agricultura gaúcho, Marcos Palombini, tentando viabilizar uma saída ao impasse criado entre o governo estadual e as lideranças dos sem-terra.

Da reunião, da qual se esperava a iniciativa do governo em comprar as terras reivindicadas pelo MST, algumas decisões foram tomadas: a criação de uma subsecretaria para Assuntos Fundiários no estado, a coleta de 50 mil assinaturas a fim de mu-

dar a Constituição Federal no capítulo da Reforma Agrária e a participação da Igreja na indicação de terras para assentamento de colonos.

Na reunião também estiveram as lideranças dos sem-terra e os deputados estaduais Adão Preto (PT) e Irani Muller (PMDB), membros da Comissão da Assembléia Legislativa Pró-Reforma Agrária. Foi realizada em Santa Maria.

Reunião — No último dia 5, às 15h30, aconteceu mais um encontro entre os representantes do Movimento dos Sem-Terra e o governador Pedro Simon para discutir a compra de 25 mil hectares de terra para o assentamento de 1.200 famílias. Os colonos se comprometeram em selecionar apenas 25 mil hectares dos 40 mil entregues anteriormente ao secretário da Agricultura e Abastecimento, Marcos Palombini. “O governo achou que o preço estava muito alto. Então, concordamos em fazer uma nova vistoria, selecionando os 25 mil hectares mais baratos, já hectarizados e com carta-proposta”, esclareceu a secretária Estadual do MST, Ângela Schwenberg.

Essas ofertas estão localizadas principalmente nos municípios de Bagé, Vacaria, Erval, Alegrete, Encruzilhada do Sul e Canguçu. Os 150 colonos, acampados em frente à Secretaria da Agricultura, em Porto Alegre, também aguardavam o resultado do encontro com o governador do estado. “Por enquanto, não pensamos em nova greve de fome, e vamos analisar o resultado para mantermos ou não o acampamento”, definiu Ângela.

**PARA RENOVAR SUA
ASSINATURA**
(OU FAZER UMA ASSINATURA NOVA)
UTILIZE O CUPOM RECIBO
DEPÓSITO. É MAIS FÁCIL, É
MAIS ECONÔMICO, É MAIS
RÁPIDO.

Teólogos vêm "Cenário de Perversidades" na América Latina

ve abaixo dos níveis mínimos de pobreza. A América Latina está pagando o tributo dos vencidos em uma guerra que nunca existiu. As medidas propostas recentemente não anunciam a paz."

Quito (AGEN-CLAI) — "A América Latina converteu-se no cenário das perversidades de um sistema injusto", afirma o documento final do encontro "Paz e Justiça Social na perspectiva do mundo da Igreja", realizado em Quito (Equador), em 6 e 7 de abril último, numa promoção do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) e da Comissão Sul-Americana de Paz. Do encontro, participaram teólogos de várias Igrejas Cristãs do Brasil.

"Por 40 anos" — diz o documento — "O domínio de um projeto econômico ansioso de lucros e mercados olhou para nossos países como oportunidades de ganhos. O ser humano não é um elemento fundamental na análise daqueles que postulam tais políticas. A distorção chega a tal ponto que os promotores deste sistema crêm que ele efetivamente é o melhor para os nossos povos".

"A realidade os desmente — continua a declaração de Quito — e a dívida externa nos obriga a pagar cada vez mais, enquanto não deixa de crescer. Os pobres aumentam, o desemprego e a fome se multiplicam, enquanto a natureza é depredada. A síntese é refletida pelo maior dos nossos países (o Brasil, N. da R.), com uma balança comercial de muito êxito, e colocado entre as grandes economias do mundo, enquanto a metade da população vi-

Construção da paz —
De acordo com o documento, a América Latina "vive a necessidade de recriar e revalorizar seus mitos e sonhos" e "de todos os dramas" do continente, hoje, "talvez o mais profundo seja o afã de sufocar, nela, a sua memória e anular a sua capacidade de sonhar". Mais adiante, o documento de Quito afirma que "os latino-americanos aprenderam a valorizar a democracia, depois de viver duras etapas de autoritarismo e opressão em muitos de nossos países", mas que os povos da AL "querem uma democracia onde suas vozes sejam escutadas e onde impere a justiça".

O texto de Quito reflete, depois, sobre a paz ("é a vida plena, enriquecedora e aberta ao desenvolvimento da imaginação"), destacando que não se trata de "um conceito abstrato", mas de um processo. "Neste processo de construção da paz em nosso continente, as Igrejas reafirmam o seu compromisso de lutar pela justiça e pela igualdade, como fundamentos da paz", diz o documento. Os seus autores acrescentam que "esta participação deve ser incrementada cada vez mais, envolvendo as comunidades na busca cotidiana de uma sociedade justa e democrática, espaço privilegiado para o desenvolvimento de uma vida digna".

REVISTA AVE MARIA 07.89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA		FINALIDADE		VALOR	
0186 - HIGIENÓPOLIS - SP		<input type="checkbox"/> assinatura nova <input type="checkbox"/> renovação		R\$ 15,00	
AG. 0186	CONTA 18.081	DAC 6	CEP 01.238	CIDADE/ESTADO SÃO PAULO - SP	

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO _____

REVISTA AVE MARIA 07.89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA		FINALIDADE		VALOR	
0186 - HIGIENÓPOLIS - SP		<input type="checkbox"/> assinatura nova <input type="checkbox"/> renovação		R\$ 15,00	
AG. 0186	CONTA 18.081	DAC 6	CEP 01.238	CIDADE/ESTADO SÃO PAULO - SP	

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO _____

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

VOCÊ SE COMUNICA?

APRENDA A CONVERSAR

Danilo Vieira

A característica essencial da sociedade humana reside na capacidade de transmitir de uma geração para outra o produto acumulado dos modos de ser, sentir, realizar, desenvolver e interpretar. Acontece no tempo e no espaço. Esta qualidade reside na capacidade de comunicação como unidade fundamental do agrupamento humano. É claro, o homem é, em primeira instância, o realizador deste processo. Embora seja o criador de um imenso instrumental que lhe permite ampliar os efeitos de seu poder de persuasão, o homem não esquece que o diálogo e o relacionamento humano são ainda a base para uma comunicação eficiente e, diríamos, na raiz de toda comunicação estão o "contato" e o diálogo. Esta como princípio do processo comunicativo; aquele como forma de relacionamento social.

Colocamos, aqui, alguns elementos que julgamos importantes para a comunicação interpessoal.

SE VOCÊ BUSCA UMA COMUNICAÇÃO EFETIVA PROCURE:

SER AUTÊNTICO

COMUNICAR-SE é, antes de tudo, uma forma pessoal de afirmação; isto nasceu, provavelmente, de uma necessidade que se fez sentir desde os primitivos estágios da Civilização. Parece, então, inerente ao próprio **processo da comunicação** — esta intenção de afetar. Isto nos leva a definir a comunicação como sendo o PROCESSO que serve ao propósito de transmitir informações além dos limites do organismo humano ou organização social, resolvendo, especificamente, o problema de transformação dos eventos de fora do organismo ou organização em termos de informação interior e da transformação dos eventos interiores em expressões externas.

Esquemmatizando:

É o processo pelo qual uma fonte ou emissor procura transmitir a um receptor ou destinatário um conteúdo mental com o propósito de obter alteração nos comportamentos.

Neste sentido, estamos imersos num oceano de comunicação e, não se vive um instante fora dele. **Tudo é comunicação.** Cada palavra. Cada gesto. A personalidade. Os sinais. Os símbolos. Tudo que significa "comunicar". Não existe nenhuma atividade humana que não seja afetada, ou não possa ser promovida através da comunicação. A função primordial do processo da comunicação é **atuar** sobre o meio, no sentido de preservar os valores e posições da comunidade; ou, também, reformular a herança social.

Ora, como se percebe, tudo gira em torno do indivíduo. A pessoa influencia e é influenciada. Afeta e é afetada. E já que as coisas são assim, é bom que o homem perceba, por ele mesmo, suas aptidões e limitações no setor "**influências**". O indivíduo reconhecerá suas aptidões e limitações. Delas tirará o máximo, na medida que for se aceitando a si mesmo com autenticidade.

Não fugirá de si mesmo, do seu "**eu**". O "**conhece-te a ti mesmo**", de Sócrates, viria muito a propósito enquanto significasse: **aceita-te a ti mesmo.**

Dentro desta perspectiva são importantes:

- A **SINCERIDADE** — A lealdade ou sinceridade perfeitas relacionadas quer com o mundo dos negócios, quer com o viver cotidiano, são fontes de *respeito e confiança*.
- A **NATURALIDADE** — Ser autêntico. Ser "EU" entre os outros é algo positivo. Cada um de nós possui personalidade específica. Única. Original. Por mais obscura que seja nossa posição social ocupamos um lugar dentro da escala humana. Não interessa qual, o importante

é tomar consciência disso. É a maior verdade. Existimos. Vivemos, influenciados. Somos influenciados. Participamos ou estamos acomodados. Mas todos somos responsáveis pela História. Há exemplos a seguir. Mas todos temos nosso lugar reservado eternamente. Nosso "EU", nossa personalidade nos pertencem como pertencemos à História. Sejamos *autênticos*, pois. Inspirar-se nos outros pode ser qualidade. Copiar, pode ser fraqueza de espírito.

Seja você, dentro de suas limitações e capacidades.

Sofre do complexo de inferioridade?... No mundo atual afeito à Psiquiatria e neuroses seria de desconfiar daquele que não fosse afetado por tal desequilíbrio.

Tem defeitos?... E quem não os possui? Aceite-os. Você não é Deus, por isso não é perfeito. Trate de reconhecer-se falho. Assim você não será convencido. Procure melhorar. Não se leve a sério. Progrida. "*Procure ser um valor em vez da fazer-se valer*".

SER POSITIVO

As características de uma personalidade irradiante relacionam-se com a procura de todos os elementos que revelam *atitudes positivas*. Tais elementos, ou qualidades encontram-se nas pessoas e nas circunstâncias...

Faça as coisas certas. Busque o bem. O joio e o trigo muitas vezes se encontram juntos. É difícil distingui-los. Seja cuidadoso. Não estrague a colheita. As pessoas como as instituições humanas possuem falhas. Todos podem errar. "Errar é humano, permanecer no erro é diabólico". A oportunidade de redenção não falta. Podemos melhorar. É preciso saber discernir qual é o trigo e qual é o joio. Assemelham-se. Só que um produz o pão e o outro a cinza. Saiba distinguir o positivo do negativo. O bem do mal. Fundamente-se no que é bom. Naquilo

que promove a pessoa. Faça crescer o bem comum. Não condene apenas. Transforme. Reestrua. Atue. Analise o que já foi feito de bom. Olhe bem. Tire os óculos escuros e você concluirá que a vida tem outras cores. Aceite as coisas, as pessoas como elas são. Não como você gostaria que fossem. Seja positivo. Não destrua o pavio que ainda fuma. Acenda-o. "É melhor acender um fósforo do que maldizer a escuridão". O progresso, por menor que seja, contribui para a evolução do mundo. Não seja você causa da involução. Ao contrário. Faça evoluir. Procure melhorar o relacionamento entre as pessoas. Favoreça a união. "A união faz a força". Combata a separação. Construa pontes em vez de muros. Estes separam. Aquelas unem.

SER ENCORAJADOR

Todos merecem nosso RESPEITO. Operários ou patrões. Professores ou alunos; pais ou filhos, todos, enquanto indivíduos, têm direito a maior consideração.

Quem não gosta de ser bem acolhido?... Um gesto, uma palavra, um sorriso podem trazer um pouco de sol a qualquer um. Quanta riqueza humana existe num simples "bom dia" "boa tarde", "até logo", "por favor", "desculpe", "em que posso servi-lo?".

Saiba ouvir — Além de ser regra de "boa educação" denota inteligência. "inteligente é aquele que sabe escutar". Quanta gente ou por leviandade ou por indiferença é incapaz de participar de uma conversação. Aborrece-se. Desinteressa-se. Interrompe o interlocutor. Muda de assunto. Esquece que cada vocábulo emitido é um pedaço de nosso "eu". Expressão de nosso mundo interno.

Antes de compreender os outros é preciso entendê-los... escutá-los. Todo mundo gosta de falar de si, de seus problemas. É uma forma de valorização. **Saiba ouvir** e você estará participando das experiências do próximo. Isso só poderá enriquecê-lo. Você estará apto para formular respostas que abrirão nova dimensão na alma do interlocutor. *Mas, evite a colocação de problemas pessoais.* Apenas ouça. *Ajude a resolver.*

SER ATENCIOSO

"A indiferença é o maior pecado social"
(Bernard Shaw)

Parabenizar, congratular-se com o sucesso de nosso semelhante é participar de sua alegria, de sua realização. Além do incentivo que você estará emprestando na promoção do próximo, estará reforçando os elos de amizade. Todos têm direito de progredir. Ajude. Reconhecer as realizações dos outros tem a dimensão do orvalho brilhando à luz da manhã...

Como é bom escutarmos: "Meus parabéns", "Você esteve excelente — Orgulhamo-nos", "ótimo"...

Na medida do possível mencione o motivo das felicitações. Mas com toda sobriedade. Sem exageros. Com sinceridade. Reconhecer os esforços dos outros é trabalhar para o bem comum. Significa opor-se à inveja e às críticas inconseqüentes. Encorajar, felicitar, promover nosso semelhante significa espalhar alegria, força, otimismo, no meio ambiente. É acreditar na humanidade. É ter fé, esperança na pessoa. Implica aceitar as vitórias de nosso próximo como se fossem nossas.

O incentivo não custa nada. É feito de um aperto de mão, de um sorriso franco, expressões da sinceridade que nos vai ao coração.

APRESENTAR-SE BEM

Gostamos de ser respeitados. Isso às vezes, implica numa série de detalhes que somados recebem o nome de BOA EDUCAÇÃO. São eles: modos de falar, de vestir, de portar-se, hábito de higiene e princípios morais.

Este conjunto de coisas revela, muitas vezes, nosso interior. O exterior, no caso, é cópia do interior. O exterior reflete o interior. Há um relacionamento profundo entre ambos. Entre o pensamento e a palavra; entre o sentimento e o gesto; entre a alma e o corpo.

A linguagem correta, sem afetação, o porte elegante, o vestir discreto, a higiene são formas de manifestar o respeito a nós mesmos e aos outros. A vaidade, o egoísmo, a afetação, a auto-suficiência, repelem. A simplicidade e a boa apresentação atraem.

SER BENEVOLENTE

Busquem o bem dos outros sem interesses pessoais. Ame-os pura e simplesmente. É qualidade essencial de toda personalidade. Às vezes não é fácil o esquecimento de si próprio. Nossa natureza humana está sempre presente.

Interesse-se pelos demais. Sirva-os. Seja generoso.

"A benevolência rejeita a injustiça. Não se resente do mal. É paciente. Não se conduz inconvenientemente. Não arde em ciúmes. Regozija-se com a verdade. Não se ensoberbece."

Ninguém é insensível à linguagem da bondade. Ganha os espíritos e os corações por mais empedernidos que sejam. O amor convence as pessoas. É mais poderoso do que o saber, do que a eloqüência e argumentos filosóficos.

Não fale mal das pessoas ausentes. Aceite as pessoas que o decepcionaram. Isso significa ser benevolente. Dê atenção a todos, embora sejam menos dotados e menos ricos que você. Todos merecem nosso amor e respeito. Não destrua a liberdade do próximo.

A benevolência, quando nascida da sinceridade, desperta confiança e estima.

SORRIR...

Não só no fotógrafo. Nem o sorriso de esguelha ou sarcástico. Mas o sorriso franco. O sorriso escoteiro, puro e cristalino. O sorriso, expressão viva da alegria que lhe vai no íntimo. O sorriso otimista. O otimismo é tão importante na vida atual. É indispensável para o perfeito equilíbrio entre o espírito e matéria.

Fuja da angústia e do pessimismo. Não caia na "fossa". É perda de tempo. Olhe a vida de frente. Não escape. O homem foi feito para a felicidade. Para o amor. Engaje-se. Alegre-se. É tão fácil. Depende de você. Só de você. Não empobrece ninguém. Enriquece. Dissipa as sombras da noite. Produz luz e calor.

Se alguém o receber de "cara fechada", não faça cerimônia. Presenteie-o com a beleza de seu sorriso. "Pega-se mais moscas com uma gota de mel do que com um litro de vinagre". Então sorria. Ninguém precisa tanto de sorriso como aquele que não sabe sorrir.

PRECE DE UM COMUNICADOR

Pe. André Carbonera, cmf

Estas regras de tão fácil retenção, poderão ajudar aquele que quiser melhor entrosar-se na comunidade de trabalho, no relacionamento humano. Isto tem a ver com a **comunicação**. Então, o homem é aquilo que consegue comunicar ao seu semelhante, na sociedade onde vive. O que você pensa de fulano depende do que ele consegue *comunicar a você* sobre si mesmo.

O homem é um ser social por sua própria natureza, e a complexa questão de personalidade humana está toda ela na dependência da boa ou má capacidade de comunicação individual. Assim, se colocarmos lado a lado dois indivíduos de habilitações profissionais idênticas, a comunicação mais efetiva será fator decisivo na escolha. Toda personalidade, pois, é comunicativa.

Na competitiva sociedade de nossos dias, característica importante é a habilidade individual de projetar a personalidade, ou seja, de comunicar traços positivos de inteligência, pertinácia e capacidade. É evidente, nasce a necessidade de se estudar técnicas de comunicação humana.

"A capacidade dos homens para viver juntos e coordenar esforços, evitando conflitos numerosos, é determinada, em grande parte, por suas aptidões para a comunicação correta. A cooperação e o entendimento entre os homens ligase indissolavelmente à capacidade humana de comunicação. De que esta capacidade vem sendo negligenciada é prova o mundo caótico que vivemos. O esforço para uma comunicação efetiva pode representar decisiva contribuição para um mundo melhor, pois todo conflito humano ou internacional, no fundo, é devido a um erro de **comunicação**."

Coloque em uso o que lhe apresentamos acima, e você estará cooperando para um melhor entendimento entre as pessoas.

E é fácil ser: **autêntico, positivo, atencioso, benevolente, apresentar-se bem, encorajador, sorridente.**

Experimente....

Danilo Vieiro é bacharel em direção de Rádio e Televisão pela Universidade de São Paulo e mestre em comunicação.

Senhor, que eu seja, realmente, um **comunicador**.

Senhor, inspira-me.

Senhor, que eu não tenha vergonha de Ti.

Senhor, que eu comunique somente a **verdade**.

Senhor, que eu seja portador de pureza e honestidade.

Senhor, que eu tenha muita vergonha na cara...

Senhor, que eu não enrole os outros, sobretudo em matéria de **religião**...

Senhor, que eu não Te ataque, seja diretamente ou através de teus **representantes**...

Senhor, que eu não seja ATEU...

Senhor, que eu transmita PAZ.

Senhor, que eu leve otimismo e alegria.

Senhor, que eu não seja "dominado" pelos "chefes"...

Senhor, que eu tenha personalidade.

Senhor, que eu seja honesto.

Senhor, que eu não seja a "última palavra"...

Senhor, que eu não use os meios de comunicação para atacar os outros...

Senhor, que eu reze muito.

Senhor, que eu seja humilde.

Senhor, que eu não engane os outros, principalmente, os jovens.

Senhor, que eu não seja pornográfico.

Senhor, que eu seja "construtivo".

Senhor, que eu não minta...

Senhor, dai-me sabedoria.

Senhor, dai-me ciência.

Senhor, dai-me entendimento.

Senhor, dai-me fortaleza.

Senhor, dai-me temor de Deus.

Senhor, que eu esteja a serviço do bem.

Senhor, que eu seja sincero.

Senhor, que eu não me esqueça de Nossa Senhora, a primeira Comunicadora, porque **comunicou Jesus**...

Senhor, que eu me abasteça em TI, a **eterna comunicação**...

Senhor, ilumina-me.

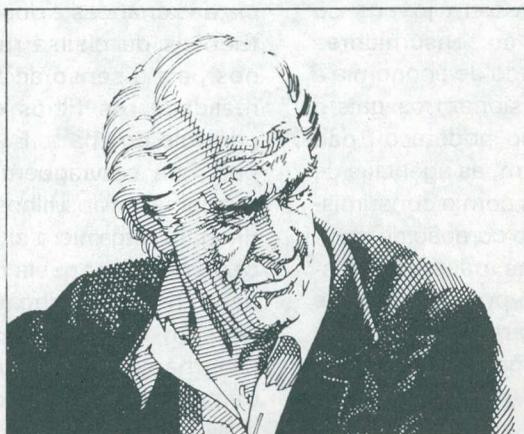
Senhor, ajuda-me.

Senhor, abre minha inteligência.

Senhor, abençoa-me.

Senhor, até outro papinho...

Amém.





OS JOVENS E A PROPAGANDA

Os meios de comunicação social, que no sistema brasileiro estão a serviço do capital, sobretudo nesses tempos de crise econômica, descobriram que os homens não compram. Quem compra são as crianças, os adolescentes, as mulheres e, é claro, os jovens menos esclarecidos sobre os intrincados meandros da economia.

Não é de admirar, pois, que, na televisão, de cada 10 propagandas, pelo menos 9 mostrem jovens ou crianças. São eles os consumidores que entendem pouco de economia e são eles que pressionam os pais a gastos que ou não podem ou não querem fazer. Assim, as agências de propaganda jogam com o consumismo das crianças e o coração de manteiga dos pais e das mães, que gastam até o que não podem para que os filhos tenham o que insistem em ter. É pura chantagem. Quem duvida, conte as propagandas de algum canal de televisão e certifique-se da

verdade. O programa pode ser para adultos mas a propaganda é para as crianças e para os jovens: roupas, sapatos, doces, modismos... E a proporção é de 2 para 8.

Transformados em objeto de consumo, os jovens não percebem que, ao pressionar os pais a gastarem além do previsto, criam situação difícil para a família. Isso quase sempre redundando em desentendimentos mais sérios, porque a falta de renúncia das crianças e dos jovens, sobretudo os de classe média, provoca nos pais o senso de frustração. Na realidade, os filhos escaparam ao controle dos pais. E são poucos os pais que conseguem explicar adequadamente aos filhos de classe média para alta que a situação não está permitindo aquela despesa. No final da história o filho e ou a filha conseguem o que desejam, mas em casa arma-se uma possível crise gerada pela necessidade de o pai trabalhar mais e ganhar mais para satis-

fazer às necessidades exageradas de filhos e mulher.

Não é de admirar que, para controlar a inflação, que não passava de 2% tempos atrás, a economicamente forte Alemanha Ocidental passou a proibir a entrada de crianças em supermercados... Obrigariam os pais a gastar acima do orçamento, com dificuldades para um país onde a oferta e a procura precisam ser controladas.

Se os países pobres e endividados quiserem crescer, precisarão disciplinar os filhos dos ricos e dos quase ricos. Eles aprofundarão o fosso entre ricos e pobres. E, então, virá a revolta popular que só não veio porque o país conseguiu adiar a explosão. A propaganda está brincando com a geração futura. Será uma geração que gastará mais do que tem. E isso não é bom para país nenhum. •

José Fernandes de Oliveira

COMUNICAÇÃO: A novela e suas mensagens ambíguas

Sassá Mutema e a conjuntura brasileira

Fermino Neto

Millhões e milhões de brasileiros têm encontro marcado todos os dias com um homem de origem duvidosa: SASSÁ MUTEA.

É sobre ele que queremos escrever, comentar, como faz o povo. Sua presença no vídeo brasileiro agora nos interessa. Na medida em que o compreendermos, conhecendo-o e fazendo uma análise crítica de sua existência, podemos colaborar na necessária desmistificação de todo ídolo gerado pelo sistema para se manter.

O Sassá — Nós ainda não sabemos direito o que a Rede Globo está querendo com a criação de Sassá Mutema.

Sabemos, contudo, que estamos numa fase da história do Brasil propícia à esquerda. Cobiçados pontos políticos foram ocupados por candidatos até ontem subjugados pela ditadura militar.

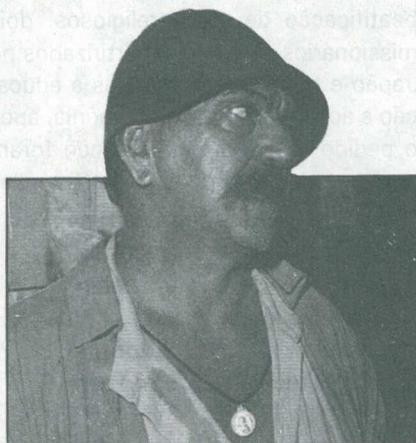
Na verdade, Sassá Mutema é a alma da recente novela das oito — "O SALVADOR DA PÁTRIA", produzida pela Central Globo de Produções. Primeiro porque vem recheado pelo talento de Lima Duarte. Segundo porque é um personagem simples, que encarna pureza, revela a sabedoria do homem da roça.

É um apaixonado pela natureza. Ama Clotilde (Maitê Proença), dedicada professorinha de escola rural. Diante de seu amor, Sassá é um inocente, um adolescente. Conversa com passarinhos, acredita nas mentiras da sociedade.

Mas Sassá não parece ter sido criado para "pensar com a própria cabeça".

Quando assume a responsabilidade pelo assassinato de Juca Pirama (Luiz Gustavo) e de Marlene (Tássia Camargo), está se metendo numa enrascada muito grande.

Mas, mesmo assim, Sassá troca a vida pacata de um bóia-fria pela agita-



ção de um líder popular que assume um crime que não cometeu.

Com a fama de assassino, ainda na prisão, Sassá passa de simples lavrador, bóia-fria manipulado, a candidato do povo à prefeitura de Tangará, competindo com Sérgio Toledo Blanco (Maurício Mattar) e o médico Lauro Brancato (Cecil Thiré).

Quem, pelo enredo de "O SALVADOR DA PÁTRIA", produziu Sassá, foi Gilda (Suzana Vieira) e seu marido, deputado Severo Blanco (Francisco Cuoco), por interesse de manterem aparências de um casamento fracassado, unindo Sassá Mutema à amante de Severo através de um casamento forjado e formal em cartório.

Juca Pirama — Enfurecida com o desprezo do amante que não a procurava para encontros íntimos, Marlene se relacionou com o diretor da rádio local e candidato a prefeito, Juca Pirama. Tangará inteira soube da transa de Marlene e Juca. Marlene ficou grávida, começou a pressionar Severo. Alguém soube da briga. Muita gente tinha ódio e interesse na morte de Juca. Num dos encontros dele com Marlene, matou ambos.

Sassá Mutema que oficialmente era o marido, foi o primeiro suspeito. Preso, declarou-se inocente até virar vítima perante o povo, que ficou do seu lado por idéias comuns sobre traição conjugal.

Juca Pirama era o candidato a prefeito mais cotado em Tangará.

Nilo (Flávio Migliacío), um sindicalista manipulador e inescrupuloso, uniu-se a Marina Cintra (Beth Faria) e outros de "esquerda" para elevar Sassá da categoria de marido justiceiro a líder político do povo de Tangará.

E a trajetória de Sassá tem altos e baixos. Seu ponto de apoio é um padre progressista (José Augusto Branco) meio sem sal nem açúcar, também manipulado pela esquerda radical do povoado de Tangará.

Sassá Mutema, ao que tudo indica, será o homem mais forte da cidade. Sobretudo nos capítulos em que o diretor da rádio, Miro (José Wilker), o compromete com a máfia do tráfico de cocaína.

Bastidores — Tanto não sabemos o que a Rede Globo quer com a criação de Sassá Mutema que assusta-nos a notícia de memorando interno do presidente das Organizações Globo condenando "cenas de sexo e de violência".

Quem conhece a TV Globo e se lembra da evolução rápida no uso destes dois itens proibidos, sabe do que estamos falando.

Todo o comunicador deve saber que sua palavra não alcança apenas um significado. Tem telespectador que recebe a mensagem pelo avesso. E o tiro pode até sair pela culatra.

No fim descobriremos que o personagem da roça da novela não tem nada de novo. Foi criado para ensinar o povo a ler na cartilha da aversão por política e por políticos. Sassá, segundo o próprio

O valor do martírio e a força da caridade

Lima Duarte, "acaba se corrompendo e ficando pior que os piores da novela, apresentados até agora".

Sassá, que na novela agora representa esperança para o povo, suponhamos, até o mês de outubro, se possível pelas vésperas de 15 de novembro, pode representar uma decepção.

Haverá, porventura, mera coincidência também nisso? Ou Sassá é o candidato que o povo possa ter no coração como esperança para 15 de novembro próximo?

O Brasil inteiro assiste "O SALVADOR DA PÁTRIA". Cada um enxergando por um ângulo, obviamente. A novela tem gancho para diversificados interesses: classe dominante, classe dominada, apolíticos, românticos, solitários, diálogos existenciais...

"O SALVADOR DA PÁTRIA" não apresenta novidade em matéria de política. Usa o velho chavão de que política é coisa suja e que no poder ninguém tem tempo para pensar no povo.

Mas na prática apresenta soluções na perspectiva do dominador. Sassá, no fim, é um pobre que vira rico.

Desconfiamos que o memorando de Roberto Marinho tenha outras intenções além da moralidade. Contudo, cogita-se em substituir Lauro Cesar Muniz por Aguinaldo Silva.

Conclusão — Reafirmamos que Sassá Mutema não é um personaginho qualquer de novela das oito. Ele é criado para discutir um problema conjuntural concreto, dentro da vontade política do povo, demonstrada pelo crescimento dos partidos ideologicamente de tendência esquerda.

Apesar do grande show e do poder de sedução que está tendo, Sassá Mutema passa muito longe, de mostrar no vídeo, o líder que os bóias-frias precisam. A novela não trata da organização dos trabalhadores com seriedade. Mostra um matuto cada vez mais calculista, medíocre e inseguro.

Bóia-fria que quiser vencer a opressão, a expropriação do seu trabalho e a condição subumana de vida, tem que fazer o seu próprio líder. Esse líder pensará tanto nos outros quanto em si. Sassá Mutema, quando muito, chega a ser bóia-fria com cabeça de latifundiário. ●

No dia 23 de abril, passado, em Roma, o Papa João Paulo II proclamou a beatificação de cinco religiosos: dois missionários espanhóis martirizados no Japão e três irmãs dedicadas à educação e aos enfermos. Na cerimônia, após o pedido oficial de beatificação foram apresentadas as sínteses biográficas dos servos de Deus. São eles:

1. *Martinho de São Nicolau:*

Nasceu em Saragoça, Espanha, aos 8/12/1598. Em 1618 entrou para o convento dos Agostinianos Recoletos e em 1662 foi para as missões nas Filipinas, onde dedicou-se aos doentes. Em 1629, percebendo a falta de pastores foi para o Japão, onde sofreu o martírio três anos depois.

2. *Melchior de Santo Agostinho:*

Nasceu em Granada, Espanha, em 1599. Órfão de pai e mãe, desde os doze anos conviveu com os frades Agostinianos Recoletos. Em 1621 partiu para as Filipinas e em 1632, no Japão, iniciou seu apostolado junto aos cristãos perseguidos. Juntamente com Martinho foi martirizado em 2/11/1632. Nas palavras de João Paulo II os dois frades agostinianos são "frutos maduros do espírito missionário e evangelizador que tem caracterizado a Igreja na Espanha". (L.R. 30/04/89 p.9 n° 3).

3. *Maria Margarida Caiani:*

Nasceu em Poggio Caiano, Itália, aos 2/11/1863. Foi em sua infância que aprendeu a dedicar-se aos abandonados. Quando jovem, com duas companheiras iniciou o serviço de educação católica e serviço aos enfermos, de onde nasceu em 1901 a congregação das Mínimas Ir-

mãs do Sagrado Coração. Faleceu em 1921.

4. *Maria Catarina de Santo Agostinho:*

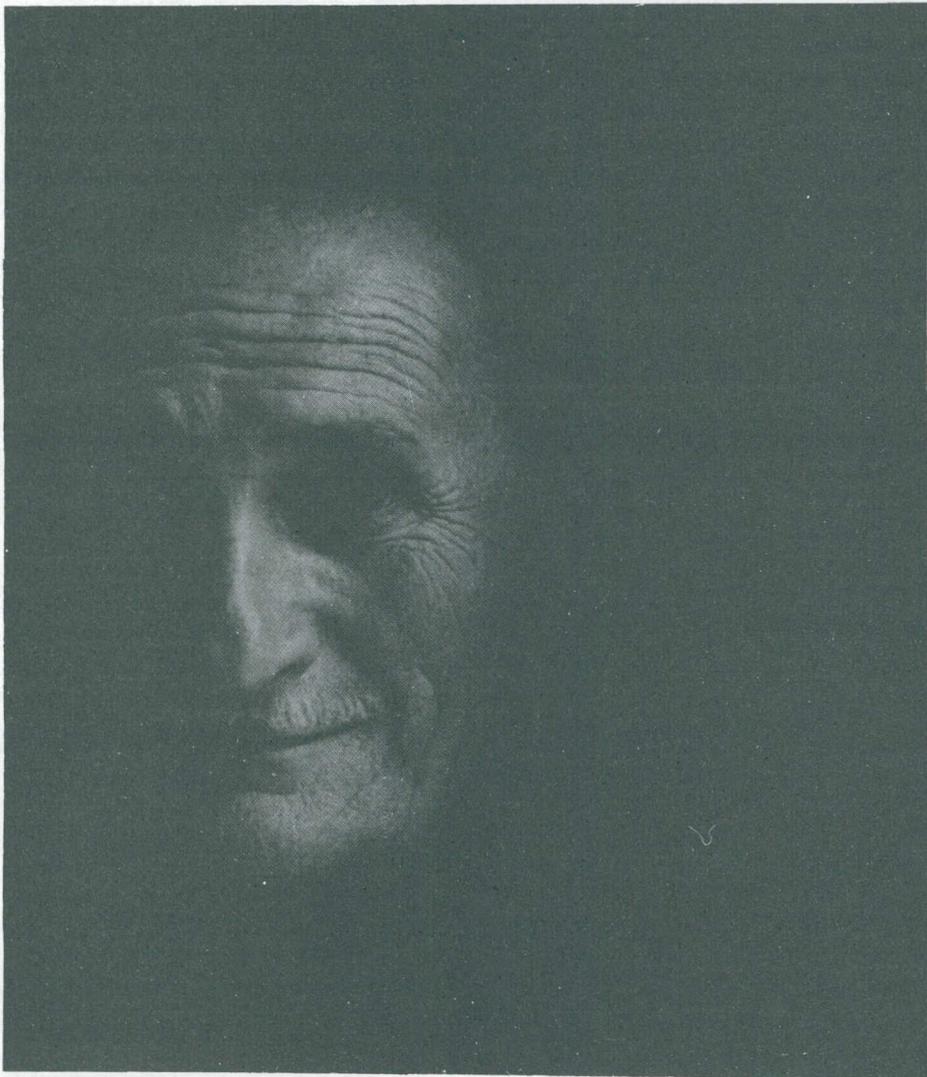
Nasceu em Saint Sauver-le-Vicente, Normandia, França, em 3/5/1632. Pertenceu à Congregação das Agostinianas da Misericórdia e trabalhou no Canadá. Recebeu grande influência de S. João Eudes, a quem conheceu. Dedicou parte de sua vida ao trabalho hospitalar. Faleceu em 8/5/1668, aos 36 anos, vítima de uma pneumonia.

5. *Maria de Jesus Bom Pastor:*

Nasceu em 12/11/1842, em Masóvia, Polônia. Juntamente com sua mãe dedicou a juventude à oração e ao próximo. Aos 31 anos decidiu fundar uma congregação, aprovada por Roma em 1875 com o nome de Sagrada Família de Nazaré. Sua obra nasceu com a intenção de assistir às crianças abandonadas, às famílias e aos operários, tendo como inspiração a vida oculta da família de Nazaré. Faleceu aos 21/11/1902, deixando como testamento às suas irmãs: "Vão ao encontro da miséria, moral e material, na solicitude para com o homem pobre e provado pela vida, na escola, no hospital, na rua!" (L.R. p.9).

Prosseguindo a celebração, em sua homilia o Papa João Paulo II lembrou aos milhares de peregrinos presentes que "os santos são sinal da humanidade nova que esperamos". Salientou que neles "resplandece de modo especial a glória de Deus vivo (...) e o conhecimento daquele Reino que no coração dos homens e na história humana, cresce a partir do mistério pascal de Cristo" (p.9).

Para o Papa a apresentação ao mundo da santidade, seja qual for seu testemunho concreto na vida eclesial, "é um momento forte de evangelização e de edificação da Igreja, pois eles são a imagem da Nova Jerusalém" (p.10). ●



Manso e sentimental

O Espírito sopra para onde quer (João 3,8), portanto não deveria ter-me surpreendido ao ver que ele manifestou-se no Wall Street Journal de todos os lugares. Nesse jornal, dedicado ao materialismo, havia uma caricatura na qual uma pessoa com característica de anjo (com asas e auréola) numa escrivania, evidentemente às portas do céu, diz a um candidato para admissão: “Os mansos foram destinados a herdarem a Terra, Sr. Osgood, porém lamento que tenhamos que classificá-lo como apático”.

Familiarizando-nos com as palavras de Cristo no Sermão da Montanha: “Abençoados são os mansos, pois eles herdarão a Terra” (Mateus 5,5). Ele estava citando o Salmo 37, versículo 11: “Mas os mansos possuirão a Terra; e nela gozarão de imensa paz”.

Os mansos, os pobres de espírito, os humildes, constituíam a maioria do povo; e Cristo estava dando a eles encorajamento. Ele estava tentando resguardá-los do desespero e do ceticismo. Os mansos ainda constituem a maioria dos povos do mundo. Falar somente deles deixa-me constantemente atônito com sua fé.

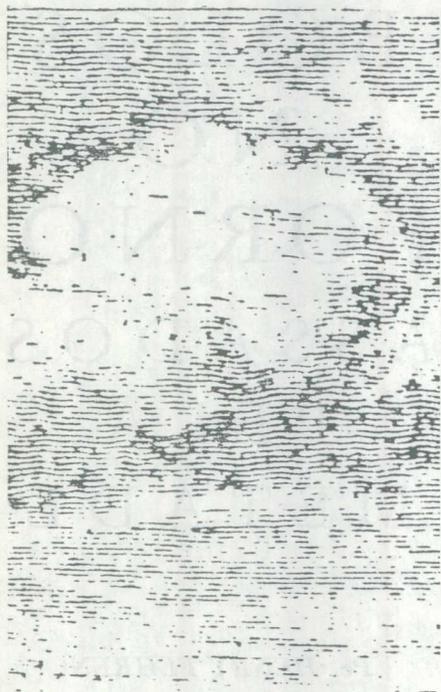
BOLOS NO FORNO, ASSADOS PELA METADE

Pe. HENRY FEHREN

Eles vivem das promessas de Cristo. Podem identificar-se com Jesus, que também nada tinha e que levava uma vida pobre. De certo modo, eles têm um curto porém difícil caminho para a santidade, caminho que pode ser esse. Como São Paulo, eles parecem nada ter, mas sentem-se como se tivessem tudo, porque têm Cristo (2Cor 6,10).

Os mansos são abençoados ou afortunados, porque em sua humildade sentem necessidade de Deus e desejam Deus. Portanto “herdarão a Terra”, ou seja, serão recebidos no Reino.

A mansidão, registrada num antigo catecismo, como uma das “sete virtudes principais”, não é apatia como afirma o Wall Street Journal. É bom saber disso, pois como São Paulo diz “As nossas vidas vão ser reveladas diante do tribunal de Cristo de modo que cada um de nós pode receber a recompensa dele, boa ou má, de acordo com a sua vida na Terra” (5,10). Nós cristãos poderemos ficar horrorizados naquele dia



do julgamento, quando descobriremos que ao invés de dar-nos uma recompensa eterna ele nos cuspirá.

Isso soa como amor difícil, mas esta passagem do Livro da Revelação aplica-se a Cristo: “Escreva ao anjo da comunidade de Laodicéia: esta é a profecia do Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus. Observo suas ações, que vocês não são nem quentes nem frios. Desejaria que fossem quentes ou frios. Portanto, como vocês são tédidos e não são nem quentes nem frios, vou cuspi-los da boca” (3,14-16).

A grande indiferença

De tédidos, eu entendo. Gosto das minhas bebidas com gelo e do meu café bem quente. Tenho um “fraco” por café quente. Café morno, meu estômago não aceita. Se um dia for para o purgatório, meu castigo será beber café morno por sete anos e sete quarentenas. Na cidade de Laodicéia não havia provisão de água natural. A água tinha que ser

encanada dos quentes mananciais de Hierápolis, penhasco abaixo e através de um vale. No momento em que a água chegava em Laodicéia, estava morna e nauseante. Como café morno, alguém a cuspiria.

Um antigo escritor usou o termo para significar uma pessoa que tivesse recebido o Espírito Santo no batismo e que mais tarde o tivesse sufocado. São Gregório usa-o para referir-se a uma pessoa que tenha perdido o fervor após o batismo.

“A comunidade de Laodicéia não é acusada de nenhuma desordem específica”, escreve J. Massyngberde Ford, estudioso bíblico, “mas sua condição parece ser pior do que a de outras comunidades, porque o mal é mais insidioso. Os membros da comunidade parecem estar auto-satisfeitos e indiferentes; parece não haver nenhum mal proeminente ou nenhuma perseguição para fazê-los saber da condição de sua religião. O orador da profecia expressa repugnância contra a apatia da comunidade e enfatiza seu perigo de rejeição de uma extremamente vigorosa e familiar figura de linguagem: ‘Eu os cuspirei.’”

A água morna, especialmente se continha sal, era usada para provocar o vômito; daí a tradução com a qual, nós cristãos, podemos estar mais familiarizados: “Vou vomitá-los”. Tédido é um termo que poderíamos renovar hoje, ao examinarmos nossa condição espiritual própria. Laodicéia era uma grande e rica cidade, notável pelo movimento bancário, pelo comércio e pelas indústrias. Mesmo após severos terremotos, Laodicéia recusou ajuda exterior.

Seria como os Estados Unidos hoje? O texto da Revelação continua: “Porque você disse: ‘Sou rico e tenho-me tornado opulento e não estou necessitado’”. Visto que eu esteja espiritualmente auto-satisfeito e complacente, não preciso de mis-

sa todos os domingos. Não preciso do alimento do sangue e corpo de Cristo. Não preciso ler a bíblia por causa da instrução do Mestre. Não tenho pecados para confessar. Não sou um mau sujeito, algumas vezes ajudo um amigo ou alguém na família, ou alguém de quem goste, porém não posso ser importunado por pessoas distantes que estão sofrendo pobreza, violência, injustiça e perseguição do governo.

As próximas palavras da Revelação dão a resposta de Cristo: “De fato, vocês não fazem idéia de que são miseráveis, lamentáveis e paupérrimos, cegos e nus”. Palavras chocantes? Sim. Mas Cristo está tentando quebrar a auto-satisfação do povo espiritualmente medíocre. Diretores espirituais sabem do quão difícil é penetrar aquela parede aconchegante da complacência espiritual.

No Sermão da Montanha, Jesus usa linguagem igualmente forte: “Vocês são o sal da terra. Mas e se o sal torna-se insípido? Como vocês podem restaurar seu sabor? Então ele não é bom para nada, exceto para ser lançado fora e calcado debaixo dos pés” (Mateus 5,13). O sal não pode tornar-se insípido ou perder seu sabor, mas pode ser diluído e tornar-se um sal de baixa qualidade, de baixo teor. Nossa vida espiritual, mesmo tendo sido uma vez abraçadora, pode ser diluída até tornar-se simplesmente sem nexo.

Paralelamente, alguém se opôs à nova designação dos domingos depois de Pentecostes como “Domingos do Tempo Comum”. Pentecostes lembra-nos de que vamos ser enchidos com o Espírito Santo. “Ao invés disso, devemos ser simplesmente comuns?”, ele perguntou. Isso foi a “última tentação” de Cristo (veja o filme de Scorsese sobre o qual escrevi no mês de abril); a tentação de ser comum na nossa vida espiritual.

Algumas vezes nós cristãos po-

demos pensar: “Tenho feito o suficiente: não preciso fazer mais nada”, e então Deus chama-nos para fazer algo mais. Podemos não ter percebido que uma estranha tepidez tenha-nos alcançado. Deus vê e quer impelir-nos para fora disso. Abdias, oficial do rei Acab, não era tépido (era “um zeloso seguidor do Senhor”); mas, ainda assim, dele foi exigido mais. Para proteger 100 profetas da perseguição da rainha Jezebel, ele tinha-os escondido em cavernas e tinha-os provido de comida e água. Então vem o profeta Elias que pede a Abdias para dizer ao rei que Elias quer vê-lo.

Se você não se apresentar o rei matar-me-á, diz Abdias. Tenho feito tanto pelo Senhor, e agora você quer que eu seja morto. Não se preocupe, diz Elias, estarei lá, às 10h30 em ponto — ou algo assim. Acab, embora rei de Israel, era indiferente à religião e deixou Jezebel promover o culto de Baal de Tiro. Quando Elias chegou, o rei foi provocado por ele, porque viu nele um perturbador da paz. “É você, o perturbador de Israel?”

Perguntou o rei.

“Por quanto tempo você prolongará o assunto?” Elias aproximando-se do povo, disse: “Se o Senhor é Deus, siga-o; mas se é Baal, siga Baal”. O povo não respondeu (1.º Reis 18,3-21). Os tépidos nunca têm uma resposta. Ainda se vêem Cristo falando-lhes da cruz.

Não se perturbe

O assunto mais impopular dos pulpitos é a indiferença, a tibieza. Isso faz, na maioria das vezes, com que os ouvintes fiquem inquietos, apreensivos e ressentidos (exceto, talvez, citando-se o Evangelho referente ao rico tendo menos chance de entrar no céu do que o camelo atra-

vessando o buraco de uma agulha). A complacência não deve ser perturbada. Há, de certo, um risco profissional para o pregador: a comunidade pode dizer algo como “tire primeiro a trave do seu olho...”

Gosto do jeito como o profeta Oséias descreve essa incompleta condição: “Ephraim é um bolo caseiro assado pela metade” (7,8). O bolo caseiro assado somente de um lado, é assado pela metade.

Cristo, ainda, não quer cuspir-nos (nós somos criados pelo amor de Deus). A Revelação continua: “Aconselho-os a comprar de mim ouro refinado pelo fogo de maneira que vocês possam ficar ricos e comprar peças de roupas brancas para se vestirem e não revelarem a vergonha de sua nudez; a pomada oftálmica para esfregarem nos olhos e enxergarem.

Aqueles a quem amo reprovo, censuro e castigo, portanto incitem sua energia e arrependam-se.

Notamos que Cristo pessoalmente vem a nós e convida-nos a cearmos com ele e a sentarmo-nos ao seu lado, em seu trono: “Olhem! Estou em pé diante da porta e bato. Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele e ele comigo. Para aquele que perseverar, permitir-lhe-ei poder sentar-se comigo, em meu trono do mesmo modo que conquisei e tomei meu lugar com meu Pai, em seu trono. Aquele que possui entendimento espiritual deixa-se dar atenção ao que o Espírito Santo diz às igrejas” (3,18-22):

Depende de nós abriremos a porta para Cristo — mas não abri-la pela metade, é sim amplamente. Laodicéia era famosa pela lustrosa roupa de lã, mas isso não cobriria sua nudez espiritual, uma dificultosa nudez para detectar-se — como na história do imperador que se ostentava sem roupa. Os tépidos usualmente não percebem sua condição de te-



pidéz; eis o porquê, talvez, de serem necessárias tantas palavras fortes para tirarmo-nos de nossa complacência.

Laodicéia possuía uma famosa escola de medicina que produzia unguento da pedra em pó de Phrygian, porém do que o povo precisava era algo para curar sua cegueira espiritual. Um honesto auto-exame pode ajudar-nos a enxergar nossa verdadeira condição espiritual. “Testem-se para ver se estão vivendo na fé”, diz Paulo. “Examinem-se” (Gl 13,5). Se numa escala de um a dez dermos a nós um cinco, poderemos ser tão sacudidos que decidiremos dar-nos totalmente a Cristo até podermos, com sinceridade, dizer a Deus: “O zelo pela sua casa consome-nos” (Salmo 69,10).

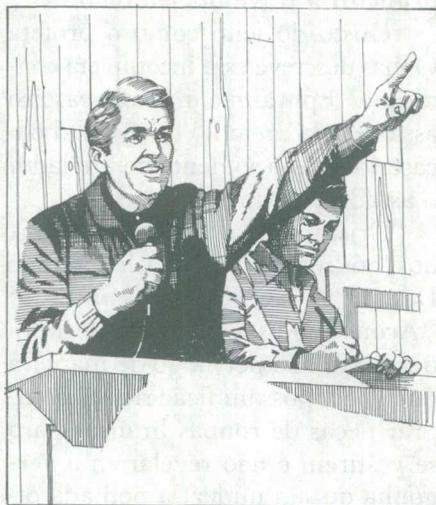
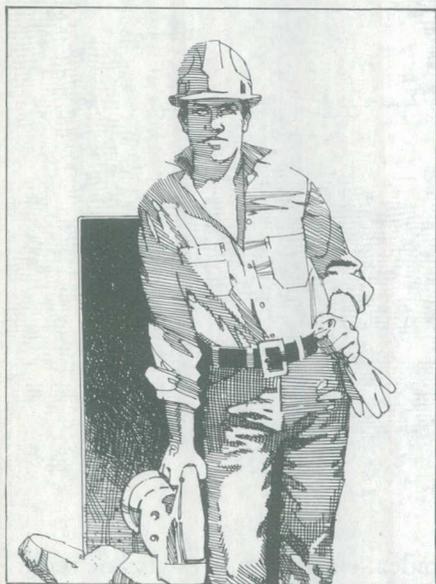
Portanto, olhem e observem que Cristo estará aqui, convidando-nos a sentar e a comer com ele. Não haverá sobre a mesa bolos caseiros, assados pela metade. •

(Artigo extraído da Revista U.S. CATHOLIC, Janeiro, 89 — Publicação Claretiana)

Tradução: Izilda Aleixo Averso

A SOCIEDADE COMO IMAGEM DA TRINDADE

Frei Leonardo Boff, ofm



A pessoa humana não vive apenas em si mesma, na profundidade de seu mistério individual. Não nasce apenas de uma família, como expressão de amor entre marido e mulher. Ela se insere dentro da sociedade humana, onde se encontra a pessoa e a família. A sociedade constitui, para quem a observa com atenção, um poderoso sinal da Santíssima Trindade na história.

A sociedade não é uma realidade que nasce pronta e foi feita diretamente por Deus ou pela natureza. A sociedade é o resultado de três forças que atuam sempre em conjunto e permanentemente. Aqui identificamos os traços da Trindade.

Em primeiro lugar existe a força econômica. Por ela organizamos a produção e a reprodução da vida humana. Pela economia elaboramos os alimentos necessários para o corpo. De forma socialmente organizada os produzimos, os destruimos e consumimos. A força econômica nunca tem a ver somente com as realidades materiais e assim chamadas econômicas. Temos a ver sempre com realidades humanas porque co-

“A comunhão que se deve construir entre os homens abrange todo o seu ser desde as raízes do amor, e deve se manifestar em toda a sua vida, até na sua dimensão econômica, social e política. Produzida pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo esta comunhão é a comunicação de sua própria comunhão trinitária” (Documento de Puebla, n. 215).

mer, sustentar uma vida, garantir o alimento para quem tem fome é uma realidade profundamente humana e também espiritual. Esta força está por debaixo de todas as demais, porque sem ela não existe vida. E sem a vida não há sociedade, nem religião, nem adoração.

A segunda força é a política. Pela política nos organizamos socialmente, distribuindo o poder, as profissões e as responsabilidades. Pela política criamos as relações humanas e projetamos as instituições necessárias para fazer funcionar a sociedade, para satisfazer as necessidades

materiais, espirituais e culturais das pessoas.

Por fim, em terceiro lugar, existe a força cultural. Por ela criamos todos os valores e significações que tornam nossa vida e nossa prática válidas e expressivas. Assim, pela força cultural surgem os ritos das religiões, as filosofias, as artes e todos os símbolos pelos quais expressamos nossos pensamentos e valores. Ninguém vive sem valorizar as coisas que faz ou que estão à sua volta.

Toda sociedade humana se constrói, se solidifica e se desenvolve pela coexistência e interpenetração destas três forças. Elas sempre agem conjuntamente, de tal forma que no econômico está o político, o cultural e assim sucessivamente.

Ora, é bem isso que dizemos ser a Santíssima Trindade: as três Pessoas são distintas, mas atuam sempre juntas. A inter-relação entre elas faz com que sejam um só Deus, espelhado na nossa realidade social.

(Texto extraído do livro: A Santíssima Trindade é a Melhor Comunidade. Ed. Vozes)

EXIGÊNCIAS ÉTICAS DA ORDEM DEMOCRÁTICA

27.^a Assembléia Geral da CNBB

Itaici, Abril 89

A nova Ordem Democrática brasileira só se consolidará quando a nação se empenhar decididamente numa transformação profunda, que modifique as relações sociais e garanta a efetiva participação de todos os cidadãos. Formas estáveis de democracia supõem condições para os cidadãos exercerem plenamente seus direitos e responsabilmente seus deveres.

Esta nova ordem se fundamenta, formalmente, na Constituição promulgada a 5 de outubro de 1988. A participação de milhões de brasileiros nas manifestações pelas "Diretas Já", em 1984, as eleições em 1985, 1986 e 1988, as já fixadas para 1989 e 1990, bem como o surgimento e o fortalecimento de organizações da sociedade civil têm ensejado o processo de abertura democrática.

Para assegurar esse processo é urgente reabilitar os valores da verdade, da liberdade, do amor, da justiça, da solidariedade e da paz, pelos quais a nação ansiosamente espera. Como cristãos partilhemos desta expectativa, na certeza de que o Reino de Deus já está presente misterioso, mas eficazmente, como semente e início de sua plena realização.¹

Faz parte da missão pastoral

da Igreja anunciar e defender as exigências éticas para que elas iluminem a convivência social. Exercendo essa missão queremos, desde o início, deixar bem claro que são necessárias e indispensáveis, ao mesmo tempo, a transformação das estruturas e a conversão dos espíritos, isto é, da consciência das pessoas e de sua mentalidade. Para cumprir esse dever, nós Bispos católicos, lançamos em 1986, por ocasião da 24.^a Assembléia Geral, o documento: "Por uma Nova Ordem Constitucional". Nesta 27.^a Assembléia, promulgada a nova Constituição, retomamos o tema, propondo aos nossos fiéis e a todos os cidadãos brasileiros novas reflexões sobre as exigências éticas da Ordem Democrática.

1. A ATUAL ORDEM CONSTITUCIONAL

1.1. Valores e limites da nova Constituição

1.1.1. Valores

A nova Constituição estabelece os fundamentos do Estado democrático de Direito, "destinado a assegurar o exercício dos di-

reitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos...".² Ela abre possibilidades para a passagem de uma situação fundada principalmente no privilégio e na força para uma situação de onde emerge, no universo da lei, a cidadania. Podemos aí verificar uma mudança qualitativa. A Constituição de 1988, ao invés de partir dos órgãos do poder do Estado, apresenta inicialmente o ideal da sociedade, que se deseja para o Brasil, e passa a definir os direitos dos cidadãos e os princípios fundamentais do Estado democrático. A figura do Estado surge como servidor dos cidadãos e responsável pela execução dos serviços que devem atender a esses direitos. O novo texto constitucional cria certos instrumentos jurídicos, pelos quais os cidadãos e as entidades podem ter ação direta para fazer cumprir os preceitos constitucionais. Entre estes instrumentos, mecanismos de efetivação dos direitos individuais e coletivos, devemos salientar:

- o mandado de segurança coletivo: para garantir coletivamente

aos membros de uma entidade ou associação os direitos que tenham sido violados por uma ilegalidade ou abuso do poder;

- o mandado de injunção: para assegurar direito constitucional fundamental que não está sendo aplicado por falta de lei ou norma;
- a ação popular: proposta por qualquer cidadão para anular ato lesivo ao patrimônio público, à moralidade administrativa, ao meio ambiente e ao patrimônio histórico e cultural;
- a iniciativa popular na apresentação de projetos de lei: tanto em nível nacional como estadual ou municipal;
- o "habeas-data": que assegura o acesso da pessoa interessada às informações dos registros públicos ou privados e a correção dos dados errôneos a seu respeito.

É necessário, ainda, elencar entre os valores positivos do texto constitucional:

- o objetivo de erradicar a pobreza, a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- a afirmação de direitos fundamentais da pessoa humana, com forte repúdio à tortura e ao racismo e com exclusão da pena de morte;
- algumas conquistas legítimas sobre a condição da mulher, reconhecendo sua igualdade de condição em relação ao homem;
- a qualificação da ação contra a Ordem Constitucional e o Estado de Direito como crime imprescritível.³

Houve, também, progresso quanto às normas referentes aos índios, aos direitos dos trabalhadores, à proteção ecológica e à reforma urbana. O direito à educação foi ampliado em termos de recur-

sos e programas complementares, garantindo o ensino religioso e reconhecendo um novo tipo de escola — a comunitária. Igualmente positivas são as normas referentes às crianças, aos adolescentes e aos idosos. Outro ponto positivo é a descentralização do poder, valorizando o Legislativo e o Judiciário, assim como o poder dos estados e dos municípios.

A Constituição prevê:

- 1) possíveis emendas constitucionais, após 5 anos de vigência;
- 2) plebiscito para decidir sobre o regime constitucional (monarquia, parlamentarismo e presidencialismo);
- 3) referendo popular ou plebiscito por autorização do Congresso.

1.1.2. Limites

Há, no entanto, entre outros, os seguintes aspectos negativos:

- não se compreende que, após tantas esperanças, expressas por manifestações e milhares de solicitações populares, para efetivar-se a reforma agrária, não se tenha conseguido um texto que responda a esta urgente e imediata necessidade. A reforma agrária é "uma questão de paz, justiça social e garantia da democracia", conforme falou João Paulo II aos meios de comunicação, por ocasião da visita do presidente da República ao Papa;
- não se reconheceu o direito à vida desde a concepção, contrariando a tradição do Código Civil brasileiro de garantir os direitos do nascituro;
- não se reconheceu nem a própria instituição familiar, fundada no casamento, reduzindo-a a simples união estável entre o homem e a mulher, sem qualquer vínculo

jurídico formal. Facilitou-se ainda mais a dissolução do casamento pelo divórcio;

- não foi superado o estreito espírito de corpo e de ambição utilitarista, que levou à aprovação de dispositivos constitucionais apenas por interesse de grupos. Por exemplo, a exclusão da propriedade produtiva, de desapropriação para efeito de reforma agrária. No mesmo sentido, foram efetivados milhares de funcionários sem concurso, contrariando preceito constitucional.⁴

Finalmente, lamentamos que a Constituição não tenha solucionado questões importantes, remetendo-as a leis complementares.

1.2. Obstáculos à efetivação da Ordem Democrática

A efetivação da Ordem Democrática pela nova Ordem Constitucional se defronta, na atual conjuntura histórica, com numerosos obstáculos. Apontamos alguns particularmente graves.

1.2.1. Nível sócio-político

Já durante a elaboração do texto constitucional, não faltaram indevidas pressões nem intervenções do poder Executivo e dos poderes econômicos nem complicitades por servilismo, pagas sob forma de mordomias ou compensações ilícitas e outros artifícios, em detrimento do bem comum.

Fato igualmente lamentável é a tentativa, observada em alguns setores da sociedade, de adiar, ou até anular, com casuísmos jurídicos e com recursos à força, a efetivação das conquistas populares

estabelecidas pela nova Constituição, indispensáveis ao avanço da democracia participativa. Irresponsável está sendo a protelação das Leis Complementares. Isto impede a aplicação plena da Constituição, com grave prejuízo à sociedade e conseqüente descrédito dos políticos. Ainda mais condenável seria a tentativa de interrupção do processo de democratização. As próximas eleições e a posse do eleito são o caminho pacífico e a consolidação do Estado de Direito.

A corrupção destrói o senso do bem comum na sociedade e desmoralizada a vida pública, chegando, por vezes, a marginalizar e mesmo a eliminar os que primam pela honestidade. Isto é mais grave quando se aceita a corrupção como algo natural e normal no exercício do serviço público e no funcionamento das várias instâncias do governo, como, por exemplo, a autoconcessão de exorbitantes remunerações e a compra e venda de voto.

A própria Justiça, que deveria ser o reduto intacto do exercício ético do Direito, em determinados casos, é desvirtuada, lenta e elitizada, protelando o processamento de causas, especialmente criminais. A cumplicidade e a impunidade favorecem os corruptos e estimulam, no campo ou na cidade, o sacrifício de vítimas inocentes.

1.2.2. Nível sócio-econômico

No nível sócio-econômico, a década de 80 foi quase perdida, sobretudo para os mais pobres,⁵ com os mais baixos índices de crescimento, situação esta agravada por uma política econômica voltada principalmente para o pagamento da dívida externa.⁶ A conseqüência é a deterioração da qualidade de vida, sem que tenha me-

lhorado a situação econômica.

O fenômeno da inflação permanece uma realidade desafiante. As medidas decretadas pelo governo para debelá-la — planos Cruzado, Bresser, Verão — não só não produziram os resultados anunciados, mas, sobretudo, empobreceram ainda mais as classes de baixa renda.

A qualidade de vida vai-se deteriorando cada vez mais em seus vários aspectos: a nutrição, a saúde, a educação, a habitação, o transporte, o saneamento básico. A mortalidade infantil nas áreas mais carentes, infelizmente, ainda é alta e desafia a consciência nacional.⁷ A situação dos menores abandonados que perambulam nas ruas não recebeu ainda adequado encaminhamento por parte da sociedade, apesar dos esforços recentes. Aumentaram os índices de evasão e de repetência escolar. O déficit habitacional, especialmente para as populações de baixa renda, atingiu níveis escandalosos, agravados pelas péssimas condições de saneamento e preservação ambiental. A vida é ameaçada e destruída pelo aborto, pela expansão de doenças endêmicas, pela difusão das drogas e pela violência urbana e rural, que amedronta o dia-a-dia de todos os cidadãos.

Esta situação crítica continuará, enquanto não acontecer uma reorientação do modelo sócio-econômico brasileiro que ataque problemas básicos, tais como o esbanjamento e o mau uso dos recursos públicos, as dívidas externa e interna,⁸ a questão urbana e agrária, e que contribua para estabelecer uma nova ordem financeira mundial.

De fato, foi mais uma vez frustrada a expectativa de "uma política agrícola que garanta a per-

manência do pequeno agricultor no campo e da execução imediata de uma reforma agrária justa, urgente e eficaz",⁹ agravando a situação de milhões de trabalhadores rurais sem terra.¹⁰

Neste contexto, denunciamos o radicalismo reacionário de movimentos e organizações que, absolutizando o direito de propriedade, tudo fazem, inclusive com recurso à violência, para dificultar o acesso legítimo à terra por parte daqueles que nela querem trabalhar para produzir e sobreviver. Não podemos esquecer a palavra do Papa: "sobre toda a propriedade pesa uma hipoteca social".¹¹

Denunciamos, além disso, o aviltamento das condições de trabalho e de vida da grande maioria dos trabalhadores do país. Isso se manifesta, de forma contundente, no baixo nível dos salários¹² e nas gritantes diferenças salariais, na alta taxa de acidentes de trabalho no elevado nível de desemprego e de subemprego e na desumana erosão dos valores pagos aos aposentados.¹³ Por outro lado, há imenso desperdício de recursos humanos. Pela primeira vez se verifica uma onda crescente de emigração para outros países, principalmente para o hemisfério norte.

Internamente, a poupança nacional é sorvida pela desenfreada especulação econômica e financeira, aplicada, muitas vezes, na produção de bens desnecessários ou colocada em bancos internacionais, com sacrifício da produção dos bens indispensáveis e da criação de novos empregos.

Externamente, o país já foi obrigado a exportar para os países ricos, entre 1980 e 1987, 50,4 bilhões a mais do que as divisas que entraram no país.¹⁴ Quando o Papa, na encíclica "Sollicitudo Rei Socialis", aborda o problema da dí-

vida externa, parece que se está referindo diretamente ao Brasil. João Paulo II verifica que o fato de os países em desenvolvimento aceitarem, a título de empréstimo, o capital estrangeiro, "transformou-se num mecanismo contra-protutor", um freio do desenvolvimento e, em certos casos, "uma acentuação do subdesenvolvimento".¹⁵ E isto porque os países devedores são obrigados a exportar capital, necessário para aumentar ou, pelo menos, manter o seu nível de vida. "Não é lícito pagar a dívida simplesmente às custas da fome, da miséria e do subdesenvolvimento do nosso povo".¹⁶ Esta dívida tornou-se fator de novo colonialismo, em que os povos do Terceiro Mundo, como o Brasil, devem pagar pesados tributos, comparáveis aos piores períodos da história humana. Todos os dados nos mostram que a dívida externa "é hoje um dos mais eficazes instrumentos da diminuição da vida e implantação da morte, instrumento de pecado coletivo e usurpação do domínio de Deus".¹⁷

Nosso modelo sócio-econômico chegou a esta contradição: um respeitável parque industrial, com o apoio governamental a grandes empresas, está mais voltado para uma variedade de bens caros e supérfluos, só utilizáveis por uma minoria da população, do que para as necessidades básicas, indispensáveis ao cotidiano da vida da maioria dos cidadãos.

Verifica-se no Brasil aquele perigo que o Santo Padre denunciava com tanto vigor: a existência de ricos cada vez mais ricos, às custas de pobres cada vez mais pobres.¹⁸ Numa palavra: o obstáculo à nova Ordem Democrática é a estrutura injusta do nosso mode-

lo sócio-econômico, marcado pelo pecado.

1.2.3. Nível sócio-cultural

Na área sócio-cultural, que abrange padrões de comportamento pessoal e social, presenciamos rápidas e profundas mudanças nos valores que inspiram a organização da convivência entre os homens. Percebem-se sinais de crescente ruptura entre os valores éticos da nossa memória cultural e o atual projeto de sociedade.

Na vida social as formas de solidariedade e de comunhão, não poucas vezes, são rompidas para dar lugar a formas acentuadas de individualismo. Multiplicam-se, assim, os conflitos: ao invés da defesa de direitos fundamentais, muitas vezes só se buscam privilégios de categorias, deixando em crescente estado de abandono os mais fracos e desprotegidos.

Na vida política presenciamos, freqüentemente, a perda do sentido de corresponsabilidade e participação, que leva a uma falta de compromisso com o serviço do bem comum. Ao invés do discernimento sapiencial do que é o mais justo para a comunidade, busca-se conquistar e manter o poder. Assim se perde o significado do Estado e da administração pública, que tende a ser dominada por interesses privados.

Na vida econômica, forja-se uma consciência distorcida para a qual tudo é válido, desde que favoreça o lucro, sob o signo da eficácia tecnocrata e do utilitarismo econômico. Aceitam-se, assim, a opulência e o desperdício de poucos em contraste com a miséria e a fome de muitos.

No confronto entre técnica e ética, entram em crise as tradições culturais e religiosas do povo,

ameaçando assim o seu "substrato" cultural cristão e, em última análise, o próprio sentido de Deus.

Continua sendo ameaçada a sobrevivência dos povos indígenas, agredidos nos seus direitos à posse da terra que, por sua vez, constitui elemento determinante de sua identidade cultural. As culturas e os direitos da população afro-brasileira não são suficientemente respeitados, assim como de outros grupos étnicos.

Assistimos a verdadeira agressão e depredação da natureza e do meio ambiente, através do desmatamento, queimadas, pesca predatória, poluição e abuso de agrotóxicos, com a conseqüente diminuição da qualidade de vida e ameaça à sobrevivência humana. A questão ecológica constitui assim um desafio para toda a sociedade e para a Igreja do Brasil, que já nos alertou na Campanha da Fraternidade de 1979: "Preserve o que é de todos".

Nas famílias se enfraquece o critério da estabilidade e do bem-estar de todos e se difunde uma concepção individualista e hedonista da felicidade, com o aumento do número de adultérios, separações, divórcios, uniões instáveis, com conseqüências prejudiciais para pais e filhos.

Preocupa-nos a perda do sentido da vida que se manifesta no enfoque permissivo do aborto, que suprime a vida de um inocente indefeso; no controle indiscriminado da natalidade por meios anticonceptivos artificiais; na crescente esterilização, conseqüência de uma concepção do amor que separa o sentido unitivo do sexo da finalidade procriativa. Tudo isso, acrescido pelo tráfico da droga, pelo crime organizado, pela violência, pela imprudência no trânsito, nos coloca diante não de fatos e

comportamentos sociais isolados, mas de uma tendência a legitimar as agressões à vida, configurando uma verdadeira "cultura da morte".¹⁹

A transformação global da sociedade, comandada pela tecnologia moderna que separa a técnica da ética, questiona a concepção do homem e altera suas relações com os outros, com a natureza e com Deus. Causam especial preocupação as experiências no campo da manipulação e da engenharia genética, sem critérios éticos.

Nesse processo de transformação, os meios de comunicação social exercem a função de protagonistas na formação de novos padrões culturais. Reconhecendo os bons serviços que prestam à cultura e à convivência civil, protestamos, entretanto, contra a onda de imoralidade que invade os programas de televisão, contrariando o preceito da Constituição que estabelece a necessidade de "respeito aos valores éticos da pessoa e da família".²⁰ Os meios de Comunicação insistem, o mais das vezes, em propor modelos de comportamento que encarnam a imagem do homem consumista, que quer ter mais para poder gozar mais. Com freqüência, exaltam aparentemente a liberdade e os pretensos valores do individualismo, mas efetivamente conduzem ao conformismo, à indiferença e à acomodação aos novos padrões culturais, sem senso crítico e sem responsabilidade moral.

Com a Conferência de Puebla, podemos afirmar que esta realidade, na área cultural, se constitui em "desafios que a Igreja há de enfrentar. Neles se manifestam os sinais dos tempos que apontam o futuro para onde vai o movimento da cultura. A Igreja deve discerni-los para poder consolidar os valo-

res e derrubar os ídolos que alentam esse processo histórico".²¹

1.3. Esperanças

Uma série de obstáculos se contrapõe à nova Ordem Democrática em nosso país. Não é esta, porém, toda a realidade. Existem sinais de esperança, tanto na revalorização de nossa cultura e como no reconhecimento de novos valores emergentes, igualmente necessários para o projeto democrático. O Brasil é um país economicamente viável, socialmente dinâmico e culturalmente rico em valores.

O cristão, por sua fé, tem motivos para a esperança: Deus se faz salvificamente presente na história e inspira sempre novas forças para a construção de um mundo novo, conforme o seu plano de amor.

Reconhecemos que a Ordem Constitucional vigente oferece aberturas para uma vivência mais democrática. As próximas eleições presidenciais e, em seguida, as parlamentares serão oportunidades e, ao mesmo tempo, responsabilidades para escolher aqueles candidatos realmente comprometidos com a melhoria das condições de vida do povo e com os valores que alicerçam e consolidam a ordem democrática.

Verificamos que há esforços sérios para viver os valores que realizam o ideal democrático:

- o espírito de solidariedade de tantas comunidades de base, grupos e associações de bairro, movimento de trabalhadores, espírito este que se afirma mesmo lá onde se desagrega a cultura tradicional, resistindo ao individualismo da modernidade;

- o crescente desejo de participação, em todos os níveis, que leva pessoas e grupos a sair da atitude de passividade e resignação para assumir atitudes críticas, tomar iniciativas e promover a defesa de seus direitos;

- o reconhecimento do valor único, irrepetível, de cada pessoa humana, a qual reivindica o direito à palavra, à livre expressão, às suas opções;

- o fortalecimento da organização e o dinamismo de movimentos populares e de associações de classe que, por sua autenticidade, se empenham em compreender, representar e promover as justas aspirações do povo;

- a descoberta do verdadeiro sentido da política, como serviço ao bem comum e, para o cristão, forma de exercer sua missão profética e alta expressão do amor ao próximo;

- a busca de conhecimentos científicos e técnicos e a vontade de canalizar o progresso econômico, em benefício da sociedade inteira e, em particular, das populações mais carentes;

- o sentido da celebração, da festa e da partilha, que contrasta com o espírito de ganância e de lucro desenfreado, colocando, acima do poder econômico, a beleza, a criatividade, a gratuidade, o valor da pessoa humana em si mesma;

- a busca de fé mais autêntica, pura, aberta à comunhão com Deus, que está com seu povo, e comprometida com a caminhada da liberdade humana;

- o progresso na compreensão e colaboração entre os integrantes das diversas igrejas cristãs, que procuram mais o que une do que o que separa, num autêntico ecumenismo;

- o testemunho supremo daqueles que sacrificaram a vida por amor ao próximo e em defesa da justiça.

2. EXIGÊNCIAS ÉTICAS

2.1. Observações Gerais

Começamos essa reflexão com algumas considerações de caráter mais universal, como fundamentação do discernimento cristão da democracia.

A organização da convivência dos homens entre si encontra na democracia sua forma adequada. A democracia consiste na simultânea realização e valorização da liberdade da pessoa humana e da participação de todos nas decisões econômicas, políticas, sociais e culturais que dizem respeito a toda a sociedade. Assim a democracia é a afirmação da responsável liberdade pessoal do cidadão e da liberdade social de participação.

Por um lado, com a democracia se abre a possibilidade de efetiva diminuição das desigualdades sociais, na medida em que proporcione a todos as mesmas oportunidades de participação na organização da sociedade, de modo especial no processo produtivo. Isto significa que é no trabalho que os homens encontram o fundamento do seu direito de participar das decisões que dizem respeito aos problemas da sociedade inteira, que vive do seu trabalho.²²

A pessoa tem a primazia sobre a instituição e a ordem social tem, como base, o reconhecimento do primado do trabalho sobre o capital e, como objetivo, o bem-estar de todos e a justiça social.

A democracia não se realiza, de fato, quando o sistema econômico exclui parcelas da população

dos meios necessários a uma vida digna: acesso ao trabalho com justa remuneração, à moradia, à terra,²³ à educação, à organização sindical, à participação nos lucros e na gestão da empresa.²⁴

Por outro lado, a construção da democracia é a criação das condições necessárias para que os homens, como cidadãos, rompam o isolamento e sua desagregação social e ocupem o espaço público através da discussão, da negociação, do diálogo e da decisão. Forjase, assim, um novo sentido do viver em comum, onde ninguém é excluído da efetiva participação dos bens da sua nação, do direito à educação, respeitando as convicções éticas e religiosas, e "do direito à informação honesta".²⁵

Este novo sentido do viver em comum implica o reconhecimento do pluralismo e se efetiva na participação real, consciente e responsável que acontece nos movimentos, associações, sindicatos, partidos políticos etc. Embora, em última análise, o poder se enraíze na autoridade de Deus, no sistema democrático como afirma a Constituição: "todo o poder emana do povo, que o exerce, por meio de representantes eleitos ou diretamente".²⁶ Assim, a razão de ser do Estado é usar do poder que emana do povo para servir o próprio povo. É sua obrigação desenvolver um modelo sócio-econômico capaz de erradicar a miséria e promover efetivamente do bem comum.

A existência de milhões de empobrecidos é a negação radical da ordem democrática. A situação em que vivem os pobres é critério para medir a bondade, a injustiça, a moralidade, enfim, a efetivação da ordem democrática.²⁷ Os pobres são os juizes da vida democrática de uma nação.

2.2. Fundamentos éticos da democracia

2.2.1. A dignidade da pessoa humana

Afirmamos que "o ser humano é sempre um valor em si e por si, e exige ser considerado e tratado como tal, e nunca ser considerado e tratado como um objeto que se usa, um instrumento, uma coisa".²⁸

"De todas as criaturas terrenas, só o homem é 'pessoa' sujeito consciente e livre e, precisamente por isso, 'Centro e vértice' de tudo o que existe sobre a terra."²⁹

A pessoa humana não existe para viver isoladamente, mas com os outros e em comunidade. "O homem é por sua natureza íntima um ser sócio".³⁰ É na participação plena e efetiva da pessoa humana na vida da comunidade e da sociedade, numa ordem democrática, que ela encontra a sua verdade. Assim a pessoa humana se realiza plenamente no trabalho, na comunicação, na solidariedade, na comunhão, na entrega aos outros e na liberdade.³¹

A experiência da liberdade é a experiência de ser chamado a lutar sempre de novo contra todo tipo de coisificação da pessoa humana, na direção de uma humanidade livre e solidária.³²

O homem vai se tornando efetivamente livre enquanto responde ao apelo ético, que lhe vem do "rosto do outro",³³ como sujeito igualmente livre e portador de direitos, entrando com ele numa relação de amor na justiça e na liberdade.

Na relação de justiça reconhece-se a dignidade da pessoa humana como algo incondicional. Isso significa que seus direitos são intocáveis e inalienáveis, an-

teriores a qualquer convenção ou declaração.

Pela liberdade o mundo se torna um desafio à audácia do homem, em ordem à construção de um mundo livre e solidário. Neste sentido, a liberdade é tarefa permanente³⁴ em busca constante de libertação.

“O reconhecimento efetivo da dignidade pessoal de cada ser humano exige o respeito, a defesa e promoção dos direitos da pessoa humana”:³⁵ direito à vida desde o instante de sua concepção; direito à liberdade, à igualdade, ao trabalho, à prática religiosa, à educação, à saúde, à segurança e aos demais meios necessários para uma vida digna.

Cumpra, entretanto, recordar, com João XXIII, que sobre cada direito humano pesa a responsabilidade de um dever:³⁶ ao direito à vida digna, corresponde o dever de viver com dignidade, não atentar contra ela e, ao mesmo tempo, o de respeitar a vida dos outros; ao direito à própria liberdade, corresponde o dever de usá-la bem, assim como o de respeitar a liberdade dos demais; ao direito à propriedade, corresponde o dever de colocá-la ao serviço da sociedade, como o de lutar para que todos possam igualmente beneficiar-se dela.

2.2.2. O princípio da solidariedade

Na natureza essencialmente social da pessoa humana se fundamenta a outra dimensão do seu agir ético: a solidariedade, alicerce de todo tipo de convivência humana.

A solidariedade é meta exigente: trata-se de realizar concretamente o conjunto de condições materiais, espirituais e religiosas,

que permitam a todos os membros da sociedade, com prioridade àqueles que são marginalizados da riqueza e do poder,³⁷ atingirem níveis de vida, compatíveis com a dignidade humana.³⁸

A opção pela solidariedade é uma opção pela vida e pela justiça. Como bem afirmou João Paulo II: “a solidariedade, como atitude de fundo, implica, nas decisões econômicas, sentir a pobreza alheia como própria, fazer carne sua a miséria dos marginalizados e, em vista disto, atuar com rigorosa coerência. Não se trata somente da profissão de boas intenções, mas da decidida vontade de buscar soluções eficazes no plano técnico da economia, com a clareza que dá o amor e a criatividade, que brota da solidariedade”.³⁹

Todos os indivíduos de uma sociedade são solidariamente responsáveis pelo bem de todos e de cada um, em particular dos mais pobres “porque todos somos verdadeiramente responsáveis por todos”.⁴⁰

Negar a solidariedade é o erro fundamental do liberalismo, tão vigorosamente denunciado por João Paulo II na “*Laborem Exercens*”.⁴¹ Em nome de uma liberdade egoísta, o liberalismo fomentou imensa iniquidade social, que o comunismo marxista não conseguiu eliminar, mesmo com sacrifício da liberdade.

Importa não perder de vista a realidade do mundo contemporâneo, no qual vão-se definindo os contornos da grande comunidade internacional. O bem comum, como já o notara a “*Gaudium et Spes*”, “está assumindo sempre mais uma dimensão universal, no qual se incluem os direitos e deveres que dizem respeito à humanidade inteira”.⁴² A falta de cons-

ciência deste bem comum universal e a ausência de uma ética de solidariedade são responsáveis pelos mecanismos perversos de opressão, que pesam sobre o Terceiro e o Quarto Mundo, verdadeiras “estruturas de pecado”,⁴³ que ameaçam a própria unidade do gênero humano.⁴⁴ Cada ser humano é chamado à responsabilidade solidária de fazer acontecer o bem comum não só para a respectiva sociedade, mas para toda a humanidade.⁴⁵

A criação de homens livres e solidários,⁴⁶ pelo trabalho, pela educação, pela organização e pela “nobre luta pela justiça”⁴⁷ e por estruturas de solidariedade é condição para a construção de uma sociedade democrática. Pois a solidariedade “ativa e vivida”⁴⁸ é o princípio que deve presidir tanto a vida familiar quanto a vida das diversas comunidades e da sociedade como um todo.

3. POR UM DISCERNIMENTO CRISTÃO

O reconhecimento da dignidade da pessoa humana e a atuação da solidariedade são hoje universalmente considerados como exigências éticas fundamentais, mesmo que, muitas vezes, não sejam efetivamente praticados.

A fé cristã contribuiu decisivamente, apesar das falhas dos próprios cristãos, para o reconhecimento dessas exigências. Pois no centro da fé cristã se encontra uma afirmação sem igual da dignidade da pessoa humana: criatura que ocupa lugar eminente na obra do Criador (cf. Gn 1,25-26). Ela é chamada ao diálogo, à amizade e à comunhão com o próprio Deus. Vítima do pecado, ela é resgatada pelo sacrifício do Filho de Deus,

que, para isso, se faz homem e eleva a humanidade a participar da vida divina. C. Novo Testamento replete, de diversas formas, a experiência que os discípulos de Jesus fizeram do amor de Deus, manifestado em Cristo, expressando a gratidão e o louvor tanto ao Pai, que "não poupou o próprio Filho" (cf. Rm 8,32), como o Filho, que os "amou até o fim" (Jo 13,1), e ao Espírito Santo, que suscita, no coração dos filhos, o amor ao Pai (Rm 8,16)

A experiência, que os primeiros cristãos fizeram da revelação divina, leva-os a reconhecer em Deus a Trindade Santa: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Deus aparece então como comunhão de pessoas, perfeitamente solidárias entre si, que se realizam na comunicação e no amor que as unem. Esta comunhão se revela também como razão última da criação e da história: a humanidade é chamada a realizar-se como povo de Deus, como comunhão de pessoas, que na comunicação e no amor entre si e com o próprio Deus encontram a plenitude do seu ser.⁴⁹

Dessa experiência profunda da fé brotaram conseqüências sociais visíveis, as quais contribuíram para a afirmação de valores éticos que o mundo moderno reconhecerá, como bases da convivência na sociedade:

- o chamado à liberdade dos filhos de Deus, em oposição à condição de servidão (cf. Gl 4,1-5,1);
- a igualdade fundamental de toda pessoa humana, sem discriminação racial ou social, que Paulo expressou na fórmula incisiva: "Desse modo, não há diferença entre judeus e não-judeus, entre escravos e livres, entre homens e mulheres: todos vocês são um só por estarem unidos com Cristo Je-

sus" (Gl 3,28).

- a fraternidade pela qual os filhos do mesmo Pai se reconhecem irmãos (cf. Mt 23,8) e fazem da solidariedade ("Koinonia", comunhão) o princípio de seu relacionamento, visando a alcançar o ideal bíblico: "Entre vós não haverá nenhum necessitado" (Dt 15,4; cf. At 4,35).

Num mundo marcado por desigualdade, ódio e injustiça, os cristãos enfrentam oposição a seus ideais. Eles respondem com a prática, ainda mais radical, da nova lei. Amor ao próximo significa para os cristãos não apenas amar o irmão de fé, o vizinho, o conterrâneo, mas aquele que está marginalizado ou inferiorizado e mesmo o adversário e o perseguidor. O cristão não se limita a amar o próximo. Faz-se próximo do outro (cf. Lc 10,36-37). O pequeno e o pobre se tornam para ele o rosto do próprio Senhor (cf. Mt 25,31-45). Paradoxalmente, os rejeitados se tornam privilegiados no "Reino de Deus" (cf. Mt 5,1-10; Lc 6,20-23).

Ainda que não cheguem sempre a um testemunho radical de despojamento e de entrega, os primeiros cristãos cultivam o bom relacionamento com os outros, buscam a paz e o entendimento com todos os cidadãos (1Ts 5,15; Gl 6,10), mostram-se ativos no trabalho e cooperam na edificação da cidade terrestre (2Ts 2,10-12; Lc 3,10-14). Integram-se na convivência social e submetem-se às autoridades civis (Rm 13,1-7; 1Pd 2,13-17), mesmo quando afirmam, corajosamente, sua fé e reivindicam a liberdade de "obedecer a Deus, antes que aos homens" (cf. At 4,19).

Durante séculos, estes princípios inspiraram, efetivamente, a

vida cristã. Mais tarde, contudo, o exercício do poder levou certos cristãos a esquecerem o valor da liberdade, pela qual derramaram seu sangue muitos mártires. As guerras dos povos cristãos contra outros, aos poucos, de defensivas se tornaram agressivas, abrindo espaço para a conquista, o colonialismo, a discriminação racial, a escravidão dos vencidos: fatos que mancham o comportamento das nações cristãs no início da época moderna, especialmente na América Latina.

Certamente contribuiu para isto a separação que o mundo moderno criou entre ética e religião, de um lado, política e economia, do outro.⁵⁰ A consciência moral parece restringir-se ao âmbito das questões individuais, à esfera íntima da pessoa. As decisões no campo econômico e político obedecem unicamente à lógica do lucro e do poder, escapando ao juízo ético. Esta separação pesa até hoje sobre a sociedade brasileira e pode explicar, em grande parte, o fato de que o Brasil, um dos maiores países católicos, está entre os que apresentam as maiores desigualdades sociais e uma trágica ausência de ética cristã na organização sócio-econômica e nas instituições e costumes políticos.

Diante de certas reivindicações modernas da democracia, que surgiram num contexto de crítica violenta e unilateral das tradições religiosas e sociais, a Igreja Católica reagiu bastante negativamente, rejeitando juntamente os princípios do capitalismo liberal, com suas calamitosas conseqüências sociais, e os princípios democráticos, que deveria mais tarde reconhecer como essenciais para a convivência civil. A participação na luta contra as diversas formas de autorização e totalitarismo do

século XX levou os cristãos a assumirem mais claramente a defesa dos direitos humanos e o valor da democracia. A revisão das posições históricas dos cristãos e a formulação sistemática da doutrina da Igreja com relação ao regime democrático foram feitas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), à luz também do magistério pontifício, particularmente dos papas Pio XII e João XXIII.

Também no Brasil, a Igreja Católica tem procurado adequar melhor às exigências evangélicas os princípios que norteiam sua presença na sociedade. Na República, da qual celebramos o centenário (1889-1989), após um momento inicial de interrogações sobre o novo regime, a Igreja reconheceu o valor da liberdade religiosa e da oportunidade de participar autonomamente da convivência civil, numa sociedade pluralista. Durante a República Velha e o Estado Novo, a Igreja continuou prestando relevantes serviços à sociedade, especialmente no campo da educação e da promoção humana, sem contestar o caráter elitista ou autoritário do regime.

Mas, em conexão com a experiência histórica da Igreja universal em luta contra os totalitarismos, especialmente após o Concílio Vaticano II e a Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968), o catolicismo brasileiro se aproximou das aspirações populares e ofereceu crescente resistência ao regime autoritário instalado no país, a partir de 1964, interpretando os anseios de grande parte da sociedade pela democratização e por transformações sociais profundas. Neste compromisso com a democracia, assumido sempre mais decididamente, a Igreja Católica tem somado forças com Igrejas não-

católicas e outras instituições. Hoje a Igreja faz forte apelo aos cristãos e a todos os outros cidadãos brasileiros para que participem ativamente da edificação de uma sociedade verdadeiramente democrática.

4. RECOMENDAÇÕES PRÁTICAS

Aos católicos e a todos que desejam encontrar uma orientação prática e atual, em ordem à construção da sociedade democrática, lembramos algumas diretrizes mais recentes do magistério da Igreja, em particular o documento de Puebla sobre a construção de uma sociedade pluralista.⁵¹

Continua atual a exigência de transformações profundas, estruturais, sem as quais a nossa sociedade não se tornará plenamente democrática, nem a dignidade da pessoa humana será plenamente reconhecida e garantida. Como Igreja de Jesus Cristo, rejeitamos o uso da violência como meio para realizar as mudanças sociais.

Reafirmando esta opção, temos consciência de que continuaremos recebendo crítica de dois lados: dos que procuram institucionalizar a situação de iniquidade, porque dela se beneficiam e, dos que procuram transformar em luta ostensiva os conflitos latentes, descrentes de qualquer outra solução, que classificam de reformismo conformista. Acreditamos, porém, que haja crescente consenso da nação, amadurecida pelo sofrimento de longos anos de arbítrio e pela difícil conjuntura por eles legada, de que as mudanças devem processar-se de forma democrática, dentro dos espaços abertos pela nova Constituição.

Continua atual a exigência de

que a transformação da sociedade seja obra de todo o povo. Esta participação poderá expressar-se de modo privilegiado no momento das eleições, através do voto consciente e responsável. Mas vai muito além do voto, estendendo-se, como vimos, aos diversos aspectos — econômico, social, cultural — da sociedade. As dificuldades conjunturais, gerando hoje forte onda de pessimismo, inclusive entre a juventude, não nos devem fazer recuar diante do desafio da construção da democracia; antes devem preparar os ânimos a enfrentar com tenacidade, coragem e perseverança o “duro aprendizado” da liberdade na solidariedade.

Permanece atual o apelo de Puebla para que a transformação das estruturas seja estimulada e seguida por verdadeira conversão dos espíritos, isto é, da consciência das pessoas e de sua mentalidade. As gritantes desigualdades, que já duram séculos, enraizaram profundamente — tanto nos privilegiados quanto nos oprimidos e destituídos de posses — hábitos mentais e formas de comportamento, de autoritarismo e de conformismo ou servilismo, de ganância ou de resignação, que devem ser transformados.

A própria Igreja deve dar o exemplo: “a conversão começa por nós mesmos”.⁵² Pastores e fiéis, podemos e devemos, permanentemente, procurar atitudes e comportamentos mais adequados às exigências do Evangelho e, por isso mesmo, capazes de “abrir caminho para um tipo mais humano de sociedade”.⁵³ Embora na Igreja do Senhor Jesus o poder não venha do povo, nem seja exercido em nome do povo, queremos trabalhar generosamente para que se consolidem em nossas dioceses e

em nossas comunidades o espírito de comunhão, o clima de coresponsabilidade, o respeito mútuo, a atitude de serviço e o florescimento de adequados mecanismos de participação (cf. Mt 20,25-28), excluídas todas as formas de autoritarismo arbitrário.

Não cabe à autoridade da Igreja propor modelo alternativo de organização da sociedade ou formular diretrizes de política econômica e social. Contudo, por seu esforço em "ouvir os clamores do povo", o episcopado brasileiro tem chamado a atenção do governo e da sociedade sobre questões que lhe parecem particularmente urgentes e prioritárias, e que devem continuar bem presentes na construção da sociedade democrática. Insistimos aqui, mais uma vez, sobre alguns pontos que já foram objeto de nossos recentes pronunciamentos.⁵⁴

- necessidade de uma política agrícola que garanta a permanência do pequeno agricultor no campo, bem como a execução imediata de uma reforma agrária justa e eficaz, com aproveitamento das terras públicas, desapropriação do latifúndio por extensão e por exploração, indenização das terras desapropriadas em títulos da dívida agrária, com revisão da legitimidade dos títulos de propriedade;⁵⁵

- necessidade de garantir a justa distribuição social do solo urbano, cuja utilização não pode ser deixada aos caprichos do mercado;⁵⁶

- necessidade de preservar e renovar o meio ambiente, resguardando-o contra formas de exploração predatória e de toda a espécie de poluição;⁵⁷

- apoio à luta dos trabalhadores "pela justiça social, pelos justos

direitos dos homens de trabalho", mesmo quando esta luta "assume caráter de oposição aos outros, nas questões controvertidas, e isso sucede por se ter em consideração o bem que é a justiça social";⁵⁸

- incentivo à participação dos trabalhadores nos sindicatos, na gestão das empresas e nas decisões sobre os problemas de toda a sociedade;⁵⁹

- necessidade de medidas que garantam a função social da empresa (salário justo, livre organização sindical dos trabalhadores, condições dignas de trabalho, negocia-

ção permanente, participação nos lucros, participação na política econômica da empresa...), a subordinação e também o atendimento prioritário dos projetos governamentais às necessidades das populações carentes;⁶⁰

- necessidade de a dívida externa ser submetida a uma auditoria pública, com participação do Poder Legislativo e de organizações representativas da sociedade civil, para identificar a composição justa desta dívida, a partir das responsabilidades sobre suas origens e seus modos de utilização. Isto foi expresso pela Constituição, quan-

NOTAS:

1. Cf. Gaudium et Spes, 39.
2. Preâmbulo da Constituição.
3. Cf. Art. 5, XLIV.
4. Cf. Disposições Transitórias, Art. 19.
5. É sabido que, no Brasil, o aumento médio anual do PIB foi de 11,2% no período de 1967/73 e de 7,1%, no período de 1973/80. No período de 1980 a 1984 o crescimento do PIB foi praticamente nulo, com deterioração da renda por habitante. Certa retomada do crescimento, nos anos seguintes, apenas repôs as perdas anteriores. Segundo dados da CEPAL (ONU), o produto interno por habitante em 1987 era somente 3,9% maior que o de 1980 (cf. CEPAL, Estudio Económico de América Latina y el Caribe, 1987. Brasil. LC/L. 463/Add.4 (septiembre de 1988). Cf. também Hélio Jaguaribe e outros, Brasil: Reforma ou Caos. Rio de Janeiro, 1989 (p. 54-55).
6. Cf. Igreja: Comunhão e Missão, 146.
7. A taxa da mortalidade infantil para o Brasil era de 80/1000 em 1984. O trabalho da Pastoral da Criança conseguiu baixá-la consideravelmente nas áreas onde atua, especialmente graças à campanha do soro caseiro que salvou a vida de, aproximadamente, um milhão de crianças por ano.
8. A dívida interna brasileira caracteriza-se não apenas pelo montante elevado (que, somado ao da dívida pública externa, chega a cerca de 50% do PIB anual), mas especialmente por seu financiamento a juros elevados e a curto prazo, gerando instabilidade e inflação (cf., por exemplo, Hélio Jaguaribe e outros, Brasil: Reforma ou Caos. Rio de Janeiro, 1989 (p. 154-157).

9. Igreja: Comunhão e Missão, 178.
10. O Plano Nacional de Reforma Agrária entre 85 e 88 somente desapropriou, com imissão de posse, 6,8% da área prevista, beneficiando apenas 4,7% das famílias às quais o plano se destina. Muitas vezes a desapropriação da terra acabou representando um negócio lucrativo para os donos das terras (cf. MIRAD - Ministério de Reforma Agrária e Desenvolvimento, - período de 15-03-85 a 22-02-89, citado no livro: Conflitos no Campo, Brasil/88, CPT, p. 78).
11. Cf. João Paulo II, Discurso Inaugural II, 4; cf. Puebla 1224. Por ocasião da audiência ao presidente Sarney, em 1986, o Papa afirma que a reforma agrária não pode fracassar no Brasil.
12. 40,7% das pessoas no Brasil vivem com menos de um terço do salário mínimo. Isto corresponde a um total absoluto de mais de 53 milhões de pessoas. (Dados do IBGE-PNA/85: tabulações especiais citadas em: H. Jaguaribe, F. Bastos de Ávila, Brasil: Reforma ou Caos, Rio de Janeiro, 1989, pp. 68-69.) "O salário médio de 1887 foi o menor da história do salário mínimo do Brasil, isto é, Cz\$ 4.726,44 ou 36,3% do salário mínimo de julho de 1940. O salário mínimo chegou a ser inferior a 50 dólares mensais, um dos mais baixos do mundo" (cf. Igreja: Comunhão e Missão, 139).
13. Temos esperança nos novos planos da Previdência, atendendo melhor às necessidades da população, conforme a nova Constituição, Art. 201.
14. Cf. Fundação Getúlio Vargas, citado na Declaração da Consulta Nacional "Igrejas e a Dívida Externa" - Seminário do CONIC, 27-03-89 a 30-03-89, RJ.
15. Sollicitudo Rei Socialis, 19.

do afirma a necessidade de "exame analítico e pericial dos atos e fatos geradores do endividamento externo brasileiro".⁶¹

Apelamos particularmente aos profissionais da comunicação social, à qual dedicamos nossa mais recente "Campanha da Fraternidade", para que defendam corajosamente a liberdade e veracidade da informação, garantia essencial da democracia, realizando assim a "comunicação para a verdade e a paz".

Fazemos apelo aos deputados federais e senadores eleitos pelo

povo para que se empenhem, com esmero e urgência, na elaboração das Leis Complementares e Ordinárias necessárias para que a nova Constituição seja efetivamente completada e aplicada. Aos deputados estaduais e aos vereadores municipais pedimos que elaborem as Constituições dos Estados e as Leis Orgânicas dos Municípios, busquem e valorizem as contribuições do povo exercendo a sábia criatividade que lhes faculta a Carta Magna da nação.

Lembramos a todos o dever de participar conscientemente das próximas eleições para presidente

da República e das futuras eleições dos integrantes do Congresso nacional. Nestas eleições, critérios para a escolha dos melhores candidatos serão os compromissos que eles assumam de contribuir para a construção da verdadeira democracia e, particularmente, o atendimento das exigências prioritárias que acabamos de mencionar (cf. acima, 107-113) e as garantias que eles ofereçam pela coerência do seu testemunho de vida.

5. CONCLUSÃO

São muitas as dificuldades para se construir uma democracia alicerçada nos valores éticos e cristãos. Com verdadeira ansiedade pastoral, para que não se confunda democracia com permissividade moral, pedimos que todos colaborem na urgente tarefa da educação ou reeducação dos comportamentos individuais, familiares e sociais, hoje tão perigosamente deteriorados entre nós. Temos firme esperança: o Cristo Ressuscitado, vencedor do pecado, da opressão, da morte, será a nossa força e a nossa vitória.

Invocando, por intercessão da Virgem Aparecida, a bênção de Deus sem a qual "em vão trabalham os que constroem a casa" (Sl 126,1), confiamos que o povo brasileiro possa realizar também a sua páscoa, passando do sofrimento da cruz para uma para uma nova vida, na solidariedade, na justiça e na paz.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

27.^a ASSEMBLÉIA GERAL

**Itaici, SP, 05 a 14 de abril
de 1989**

16. Igreja: Comunhão e Missão, 180.
17. Desafios às Igrejas. A questão da dívida externa. CONIC — CESE, São Paulo, 1988.
18. Cf. João Paulo II, Discurso Inaugural III, 3. Cf. Puebla, 30.
19. Christifideles Laici, 38.
20. Art. 221, IV.
21. Puebla, 420.
22. Cf. João Paulo II, Homília para o mundo do Trabalho, Danzigue, 12 de junho de 1987. Cf. Igreja: Comunhão e Missão, 159.
23. Por uma Nova Ordem Constitucional, 127; Cf. Igreja: Comunhão e Missão, 178.
24. Cf. Igreja: Comunhão e Missão, 159 e 174.
25. Por uma Nova Ordem Constitucional, 88.
26. Art. I, parágrafo único.
27. Igreja: Comunhão e Missão, 206.
28. Christifideles Laici, 37.
29. Ibidem.
30. Gaudium et Spes, 12.
31. Cf. Gaudium et Spes, 24.
32. Cf. Redemptor Hominis, 63.
33. Cf. Puebla, 31-32.
34. Cf. Puebla, 321.
35. Christifideles Laici, 38.
36. Cf. Pacem in Terris, 28.
37. Cf. Igreja: Comunhão e Missão, 206.
38. Cf. Mater et Magistra, 76.
39. Discurso de João Paulo II à CEPAL; Santiago, 3.4.87.
40. Sollicitudo Rei Socialis, 38; Cf. Redemptor Hominis, 16.
41. Cf. 14.
42. Gaudium et Spes, 26-74.
43. Cf. Sollicitudo Rei Socialis, 36.
44. Cf. Sollicitudo Rei Socialis, 14.
45. Cf. Gaudium et Spes, 78; Sollicitudo Rei Socialis, 38.
46. Cf. Redemptor Hominis, 63.
47. Laborem Exercens, 8; Igreja: Comunhão e Missão, 162.
48. Octagésima Adveniens, 47.
49. Estas considerações são desenvolvidas pelo documento de Puebla (cf. n.ºs 211-215) para fundamentar sua visão de "comunhão e participação" na sociedade e na Igreja. A comunhão, que nasce da SS. Trindade, não é apenas o ideal da vida da Igreja, mas aspiração profunda de toda a sociedade humana, o que exige transformação também das estruturas sociais (cf. Puebla, 327).
50. Cf. também João Paulo II, Christifideles Laici, 44. Esta cultura "aparece divorciada não só da fé cristã, mas até dos próprios valores humanos". Certa cultura científica e tecnológica é "incapaz de dar resposta à premente procura de verdade e de bem que arde no coração dos homens".
51. Cf. Puebla, parte IV, cap. 3, 1206-1253.
52. Puebla, 1221.
53. Puebla, 273.
54. Cf. Exigências Cristãs de uma Ordem Política, 1977; Igreja e Problemas da Terra, 1980; Solo Urbano e Ação Pastoral, 1982; Por uma Nova Ordem Constitucional, 1986; Igreja: Comunhão e Missão, 1988.
55. Cf. Igreja: Comunhão e Missão, 178.
56. Solo Urbano e Ação Pastoral, 118.
57. Por uma Nova Ordem Constitucional, 59.
58. Igreja: Comunhão e Missão, 173.
59. Cf. João Paulo II, Homília para o mundo do trabalho, Danzigue, 12.6.1987, 6.
60. Cf. Igreja: Comunhão e Missão, 176.
61. Constituição da República, Disposições Transistórias, 26. Cf. Igreja: Comunhão e Missão, 180.

ENSINE O CAMINHO DA VERDADE AOS SEUS FILHOS ATRAVÉS DA PALAVRA DE DEUS

AM edições

APRESENTAM



EDITORA AVE MARIA

GRANDE NOVIDADE COLEÇÃO SEGUINDO JESUS

Preço NCz\$ 8,35 cada exemplar



Série de três volumes, com belíssima encadernação, contendo histórias infantis que encerram úteis ensinamentos para as crianças. Ao narrar historietas da vida cotidiana infantil, os livros fazem alusão aos episódios bíblicos, mostrando e ensinando os pequenos leitores como devem agir.

COLEÇÃO SEGUINDO JESUS:

- As bem-aventuranças
- Os mandamentos de Deus
- As obras de misericórdia

São 180 páginas com textos e ilustrações que parecem ter sido feitos por crianças para crianças.

NOVÍSSIMO LANÇAMENTO

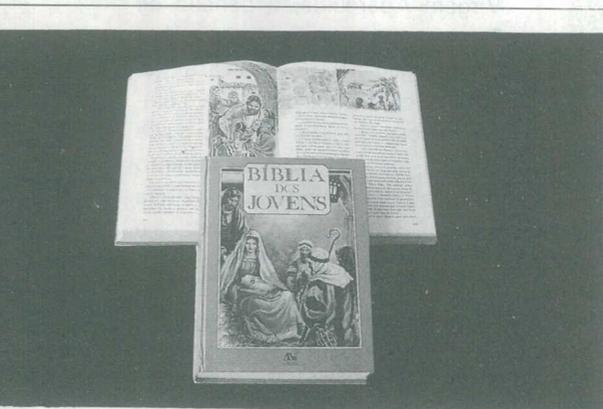
BÍBLIA INFANTIL

Preço NCz\$ 45,00 cada exemplar

Grande sucesso na Europa, chega agora entre nós a *Bíblia Infantil*, em dois belíssimos volumes (Antigo e Novo Testamento), escrita e ilustrada de modo especial para crianças.

- Luxuosa encadernação
- 680 páginas coloridas

- Antigo Testamento
- Novo Testamento



Preço: NCz\$ 26,70

O BEST-SELLER DE SEMPRE

BÍBLIA DOS JOVENS

BÍBLIA DOS JOVENS, o livro que acompanhará seu filho, aluno ou amigo por toda a vida!

São 530 páginas cheias de atraentes ilustrações coloridas, com textos breves sobre os principais episódios bíblicos do Antigo e do Novo Testamentos, apresentados como emocionantes aventuras, em rica encadernação.

Desejo receber os livros acima indicados.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

Nome: _____

Endereço: _____

CEP _____ Cidade _____ Est. _____

Ass. _____

Pedidos pelo Reembolso Postal para: Cx. P.
54165 CEP 01226 São Paulo - SP ou por telefone:
DDD (011) 826-6111 DDD (011) 825-8033

M · A · R · I · A:

**TESTEMUNHA DE JESUS,
EXEMPLO DE FÉ**

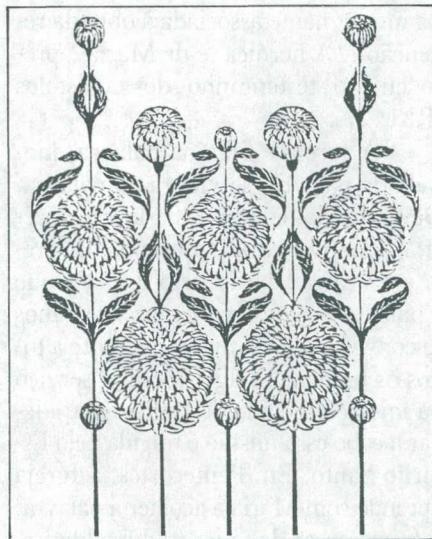
José Cristo Rey García Paredes

Nesta página mariana apresentamos uma série de 30 meditações (que posteriormente poderão ser colecionadas); reflexões desenvolvidas a partir da encíclica “Redemptoris Mater” (Mãe do Redentor) do papa João Paulo II. É a espiritualidade mariana que poderá nos ajudar na vivência da fé cristã e na prática da caridade.

As duas “mulheres” na história da salvação

“As palavras que Jesus pronuncia no alto da cruz significam que a maternidade de sua mãe encontra uma ‘nova’ continuação na Igreja — e através da Igreja —, simbolizada e representada por João... A santa mãe de Deus, por meio da Igreja, permanece no mistério de Cristo, como a ‘mulher’ indicada no livro do Gênesis.” (Rm, 24)

Maria não é, na verdade, a única mãe dos discípulos de Jesus; a imagem da “mulher” não se refere apenas a ela. “A maternidade de Maria encontra uma ‘nova’ continuação na Igreja e através da Igreja.” (RM, 24) Também a Igreja é “mãe” na fé, também a Igreja é representada sob a imagem da “mulher” que engendra virginalmente novos filhos. A Igreja sempre contemplou a si mesma à luz de Maria. No princípio da história da salvação (Gê-



nesis 3,15) e no seu final (Apocalipse 12, 1) está a “mulher-mãe”: é Maria, é a Igreja. “Segundo o eterno desígnio da Providência, a maternidade divina de Maria deve derramar-se sobre a Igreja, como indicam algumas afirmações da tradição para as quais a ‘maternidade’ de Maria em relação à Igreja é o reflexo e o prolongamento de sua maternidade em relação ao filho de Deus.” (RM, 24) Ambas as “mulheres”, ambas as “mães” encontram-se em Pentecostes, “perseveravam unânimes na oração”, implorando a vinda do Espírito Santo, que tornaria a Igreja fecunda e que já havia fecundado Maria na anunciação. “Na história da graça, ocorre uma correspondência particular entre o momento da encarnação do verbo e do nascimento da Igreja. A pessoa que une esses dois momentos é Maria. Em ambos os casos, sua presença discreta, mas essencial, indica o caminho do ‘nascimento do Espírito’... Também na Igreja continua havendo uma presença *materna*.” (RM, 24)

Oração

Pai nosso, que mandou a mulher ocupar um lugar central na história da salvação, faça com que a mulher ocupe também em sua Igreja o lugar que lhe corresponde, como portadora da grande tradição religiosa e mediadora da graça. Amém.

Maria, testemunha de Jesus em Pentecostes

“No começo do caminho da Igreja, Maria esteve presente. Nós a vemos em meio aos apóstolos no cenáculo, ‘implorando com suas palavras o dom do Espírito’... Aquele primeiro núcleo de fiéis... estava consciente de que Jesus era o filho de Maria e que ela era sua mãe e, como tal..., uma testemunha singular do mistério de Jesus.” (RM, 26)

Na espera de Pentecostes, no cenáculo, o caminho de Maria coincide com o caminho dos apóstolos, que se preparavam para assumir a missão de Jesus com a força do Espírito Santo que lhes havia sido prometida. Eles, as mulheres, os irmãos de Jesus e Maria “perseveravam na oração” (At 1,13-14). Em meio a essa Assembléia Constituinte da Igreja, coube a Maria a função de “ser testemunha de Jesus” a partir de sua condição de “mãe”: “uma testemunha singular do mistério de Jesus, daquele mistério que diante de seus olhos se havia manifestado e confirmado com a cruz e a Ressurreição” (RM, 26). “Ela foi para a Igreja de então e de sempre uma testemunha singular dos anos da infância de Jesus e de sua vida oculta

em Nazaré, quando ‘conservava cuidadosamente todas as coisas em seu coração.’” (RM, 26) O testemunho de Maria dentro da comunidade dos “irmãos” avalizava sua fé na encarnação do filho de Deus. “A Igreja, desde seu primeiro momento, ‘olhou’ para Maria através de Jesus, assim como ‘olhou’ para Jesus através de Maria.” (RM, 26) Maria era, para os primeiros fiéis, a grande oportunidade de conhecer mais intimamente a Jesus. Ela sozinha era todo um evangelho vivo. Maria era um acesso privilegiado a Jesus. Por seus olhos havia passado toda a sua história. Seus ouvidos tinham escutado todas as suas palavras. Nenhum ser humano o havia dito mais perto de seu corpo. Se toda a sua capacidade de maternidade já se tinha esgotado em seu “filho único Jesus”, toda ela era uma palavra permanente sobre Jesus.

Oração

Obrigado, meu Pai, por ter colocado Maria, a mãe de seu filho, no centro da Assembléia Constituinte da Igreja; o Senhor quis que ela fosse a testemunha permanente e mais qualificada do mistério de Jesus. Faça, meu Pai, com que Maria continue presente entre nós, os fiéis, aumentando nossa fé e dando-nos a certeza em meio a nossas vacilações. Amém.

A fé de Maria em Pentecostes

“Na história da graça, posta em prática sob a ação do Espírito Santo, ocorre uma particular correspondência entre o momento da encarnação do verbo e do nascimento da Igreja. A pessoa que une esses dois momentos é Maria. Em ambos os casos, sua presença discreta, mas essencial, indica o caminho do nascimento do Espírito.” (RM, 24)

“Maria foi a primeira a crer.” (RM, 26) Toda a sua vida foi um “esperar contra toda esperança” A pro-

messia começou a transformar-se em realidade quando Jesus foi ressuscitado pelo Pai. Quando cada um dos discípulos vai reconhecendo Jesus como o Messias, como o filho de Deus, quando os discípulos acolhem Jesus como o Cristo, então germina o “novo Israel”, começa a Igreja, a comunidade dos fiéis. A fé em Jesus Cristo define o ser da Igreja. A fé íntegra em Jesus leva à contemplação daquela que está indissolivelmente unida a seu mistério: Maria, “a intimamente associada à obra da redenção”. A heróica fé de Maria “precedeu” o testemunho dos apóstolos (RM, 27).

“A Igreja é filha da palavra, morada da palavra, servidora da palavra. Deve ouvi-la, compartilhá-la e oferecê-la. A identidade mais profunda da Igreja é a evangelização, isto é, fazer que a palavra acolhida na fé por seus filhos se converta em chamado e convite a todos os homens. A Igreja está a serviço da missão recebida de Jesus: e para levar a cabo essa missão é ungida pelo Espírito Santo. Em Pentecostes, a Igreja aprende com Maria a acolher a palavra, a crer, apesar de todas as dificuldades. E Maria ajuda a Igreja a reproduzir em si mesma o acontecimento da encarnação do verbo, isto é, mostrar-lhe o caminho para ser corpo de Cristo.”

Oração

Pai, meu Pai, que em seu desígnio de amor quis que o acontecimento da encarnação de seu filho se fizesse permanentemente presente em sua Igreja, “Corpo de Cristo”, conceda-nos o Espírito e faça com que aprendamos com Maria como acolher sua palavra, como interiorizá-la, como cumprir em tudo sua vontade. Amém.

Tradução: Suely Mendes Brazão

(José Cristo Rey Garcia Paredes é Sacerdote Claretiano, professor de teologia e diretor da revista Vida Religiosa, em Madri)

Já me decidi... Vou ser IRMÃ CANISIANA



Para me consagrar a Deus no “SERVIÇO À PALAVRA DE DEUS”, que leva o homem a uma realidade mais humana e menos injusta

Para tomar a defesa dos pobres, dos que necessitam ser evangelizados, vou trabalhar na

evangelização: catequese, missões, paróquias, livrarias e colégios.

SERVIÇO SOCIAL:
creches, cursos semi-profissionalizantes e com famílias carentes

E você, também pensa como essa jovem?

Venha conosco porque ela já é uma das nossas.

**SECRETARIADO
VOCACIONAL**

Irmãs de São Pedro
Canísio

Cx. Postal 12

12.570 - Aparecida - SP

○ QUE DEUS UNIU

Pe. Elias Leite

○ homem não separe o que Deus uniu, disse Jesus, respondendo perguntas sobre o casamento. Isso, depois de citar a Escritura: "Desde o princípio Deus os fez homem e mulher". E disse: *deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão um só. E concluiu: Assim não serão dois, mas, um só.*

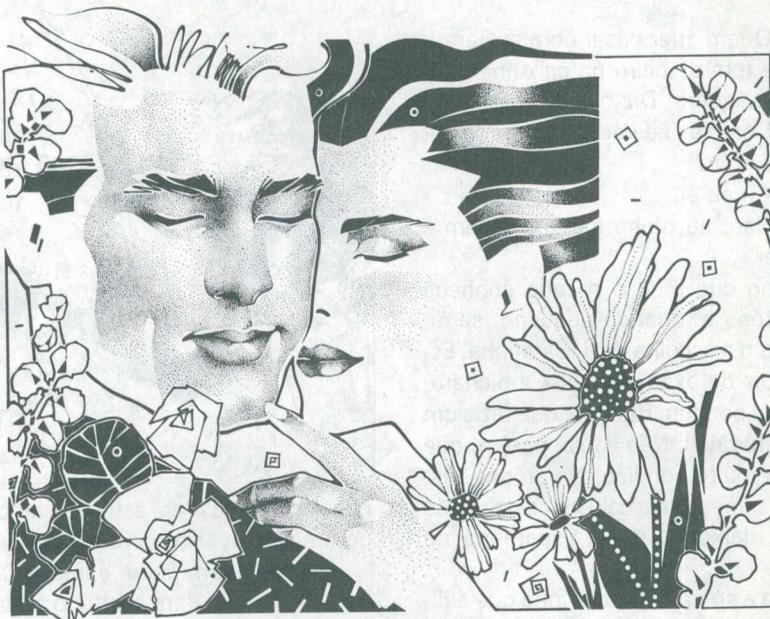
É este o casamento instituído por Jesus. Procede de Deus. E ele, como filho de Deus, mensageiro do Pai, exclui o poder humano de separar o que Deus uniu.

É este o casamento que a Igreja de Jesus assumiu como *sinal*, sacramento. Sinal do *amor* entre duas pessoas que se unem numa *vida*, corpo e alma, com o poder de gerar outras vidas, tornando-se família. Imagem da Trindade de Deus na sua unidade de amor. A consciência desse gesto sagrado, assumido na fé, é sacramento. E a graça do Senhor estará com o casal, na força do seu Santo Espírito. Por isso, a Igreja exige, normalmente, a presença comunitária: padrinhos e irmãos convidados, num ambiente festivo e solene da sua liturgia. O ministro religioso recebe o casal, assiste o seu juramento mútuo de *amor* e *verdade* e o abençoa para a vida, em nome do Senhor.

Se assim acontece, numa sincera consciência de fé, entre duas criaturas que se amam, essa união é sagrada. Vem de Deus.

Para que aconteça o sacramento (sinal santificante) é necessário, primeiramente, a fé consciente de que esse compromisso de vida no amor, realizado por dois cristãos em presença da comunidade, procede do batismo que colocou Cristo em suas vidas e os inseriu numa comunidade, que é Igreja. E são eles, os noivos, os administradores desse sacramento.

Além disso, a Igreja tem certas exigências jurídicas, para a validade do sacramento, como o estado livre de ambos, a idade canônica, idoneidade, liberdade e outras. Pois o casamento religio-



so não é só um ato espiritual, mas também social. A Igreja é sociedade.

A Igreja, contudo, sempre respeita as mais diversas formas de casamento existentes. A começar pela forma civil, promulgada pela Constituição do país. Também as de outras religiões cristãs e não cristãs. Mas, para o católico, o casamento-vida é atuação sagrada na Igreja. Não tem substituto. Vem de Deus. É sacramento. E indissolúvel.

O casamento na nova Constituição recebeu um tratamento de maior amplitude e liberação. No Artigo 226, coloca a família como base da sociedade e sob a proteção do Estado. O parágrafo primeiro desse artigo promulga o civil como casamento. E, no segundo, reconhece o casamento religioso com efeito civil, nos termos da lei. No parágrafo terceiro, faz desaparecer o chamado concubinato, reconhecendo a união estável entre homem e mulher como *entidade familiar*, devendo a lei facilitar seu casamento. No parágrafo sexto, traz o *divórcio* como dissolução legal do casamento civil, e que pode ser pedido tantas vezes quantas se quiser. E pode dar-se o divórcio por separação judicial depois de um ano de casamento e por comprovada *separação de fato*, depois de mais de dois anos.

Vários outros parágrafos se seguem, legislando sobre a família, planejamento familiar e a criança. Não nos propomos aqui, no reduzido espaço desta matéria, analisar o referido artigo da nossa atual Constituição à luz do Evangelho. Trago-o ao debate, em sua referência ao casamento, para que, como cristãos, possamos perceber a diferença de critérios entre a lei de Deus e as leis dos homens, particularmente quando os homens, dizendo-se cristãos, não respeitam o supremo legislador.

O que transparece é que, o verdadeiro cristão, comprometido com sua Igreja, tenha consciência do sentido sagrado do casamento religioso. E que o casal de noivos procure a Igreja como o templo de Deus para a liturgia do sacramento de sua união, e não como um palco enfeitado para, ao som de músicas, exibir suas emoções, embora justificáveis.

Acredito que os chamados Cursos de Noivos, nas atuais circunstâncias, bem podiam deixar de lado certa tendência de enciclopedismo sobre o casamento para se dedicarem mais à reflexão da fé e espiritualidade com os noivos, sobre a vida sacramental do matrimônio no futuro lar, no sentido de que estes se casem conscientes de que Deus os uniu.

QUEM QUER CASAR COM...

Myrian Vallias de Oliveira Lima

— Quem quer casar com d. Baratinha que tem dinheiro na caixinha?
— Eu quero! Diz o cachorro.
— Como é que você faz quando você vai dormir?
— Au-au-au.
— Não, eu tenho medo... Quem é que quer...

Acho que todo o mundo conhece esta estória e, quando pequeno, se divertiu com a escolha de d. Baratinha. Esta, depois de examinar toda a bicharada, optou por dom Ratinho, que fazia um ruído agradável. Não sabia, porém, que este era muito comilão. Na própria festa do casamento ele caiu no caldeirão de feijão e deixou a noiva esperando no altar...

Não é só para d. Baratinha que é difícil a escolha de um parceiro. Apesar de, no início do mundo, Deus afirmar que "não é bom que o homem esteja só" (Gn 2,18), a tarefa de busca de companhia não é das mais simples. Fala-se muito na Bíblia sobre o casamento e sua finalidade. Não existe em seus escritos, porém, uma abordagem direta dos critérios para a escolha do cônjuge. Talvez porque nas culturas antigas as uniões aconteciam segundo a vontade dos ancestrais ou eram arranjadas pelos agentes matrimoniais. Acreditava-se que o amor surgiria com a convivência, após o casamento.

Existem várias alternativas na escolha do cônjuge. O amor é uma delas. E é tida como muito importante. Só que não é suficiente. Muitos casamentos feitos por amor se rompem. Por quê? — O casal não soube cultivá-lo. Não soube fazê-lo crescer pelo dom da entrega, pelo cultivo do desenvolvimento pessoal. BUSCAGLIA⁽¹⁾, pedagogo americano, recomenda que se leve em conta as seguintes premissas, ao se falar de amor:

1. "Ninguém pode dar aquilo que não possui. Para dar amor, você deve ter o amor.

2. Ninguém pode ensinar aquilo que não sabe. Para ensinar o amor, você precisa compreendê-lo.

3. Ninguém pode conhecer aquilo



que não estuda. Para estudar o amor, você precisa viver no amor.

4. Ninguém pode apreciar aquilo que não aceita. Para aceitar o amor, você deve tornar-se receptivo a ele.

5. Ninguém pode ter dúvida daquilo em que deseja acreditar. Para acreditar no amor, você deve estar convencido do amor.

6. Ninguém admite aquilo a que não se entrega. Para se entregar ao amor, você deve ser vulnerável a ele.

7. Ninguém vive aquilo a que não se dedica. Para se dedicar ao amor, você deve estar sempre crescendo no amor."

Outras variáveis que orientam a escolha do parceiro são as necessidades de companhia, segurança emocional e econômica, relacionamento sexual, fugir da dependência paterna.

Alguns motivos são gerados pela maturidade; outros, apenas pela racionalidade. Segundo ERICH FROMM⁽²⁾, no mundo atual "as relações do amor humano seguem os mesmos padrões de troca que governam os mercados de utilidades e de trabalho". Muitos selecionam o cônjuge baseados só no que pretendem ganhar e não no que pretendem dar. Outros têm expectativas irreais quanto ao casamento e idealizam o parceiro. Frustram-se, depois, com a realidade.

Como então selecionar o cônjuge? Quais os critérios que norteiam uma boa escolha? Tentaremos enumerar alguns:

a. *Identidade quanto aos valores bá-*

sicos. Pode haver divergências quanto a gostos e interesses. Mas os valores essenciais deverão ser os mesmos. O valor religioso é um deles. É muito importante que o cristão se case com uma cristã, como recomenda SÃO PAULO. Um dos fatores que consolida a relação e a faz crescer é a comunhão na fé. Se Deus orienta a escolha, pela oração, o casal consegue uma união mais estreita entre si e com Ele, nosso Pai. "Eu posso tudo naquele que me dá força" (Fl 4,13).

b. *Mesmo nível sócio-cultural.* Para que as pessoas se comuniquem adequadamente, é importante que tenham identidades culturais. Pode haver divergências quanto ao nível econômico mas, só nas novelas globais, consegue-se harmonia quando as pessoas diferem culturalmente. É a relação de igualdade que possibilita a relação na qual há uma comunicação profunda que facilita a troca e a consequente compreensão dos direitos e deveres de cada um.

c. *Ressonância emocional, ou seja, encontro afetivo.* É o que transforma uma determinada pessoa, dentre várias, em especial para cada um. Isto não quer dizer que o amor acontece à primeira vista. Precisa-se trabalhar pelo amor. Precisa-se viver no amor. Segundo ERICH FROMM⁽²⁾, "a satisfação no amor individual não pode ser atingida sem a capacidade de amar ao próximo, sem verdadeira humildade, coragem, fé e disciplina".

d. *Características positivas para o casamento.* Flexibilidade, empatia, estabilidade emocional, dedicação, abertura afetiva, preocupação com a realização plena do outro. Permitir um clima para o crescimento contínuo em direção à realização plena das potencialidades dadas por Deus a cada pessoa.

(1) BUSCAGLIA, LEO — Amor. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1987. (p.50)

(2) FROMM, ERICH — A Arte de Amar. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia Ltda. (p. 15-22)

ALMOÇO MAIS SOFISTICADO

ENTRADA: Sopa creme de palmito

Rendimento: 5 a 6 porções

Ingredientes:

2 e 1/2 colheres (sopa) de manteiga
2 colheres (sopa) de farinha de trigo
2 tabletes de caldo de galinha dissolvidos em
1 litro de água fervente
1 lata pequena de palmito em rodelas
1/2 lata de creme de leite
2 gemas
1 colher (sopa) de cebolinha verde picada

1. Aqueça a manteiga.
2. Junte a farinha e deixe dourar.
3. Acrescente o caldo de galinha mexendo bem.
4. Deixe ferver aproximadamente por 10 minutos.
5. Junte o palmito e deixe no fogo por mais alguns minutos.
6. Bata o creme de leite com as gemas e junte à sopa.
7. Retire do fogo e sirva em seguida guarnecida com a cebolinha.

PRATO PRINCIPAL: Vol-au-vent de camarão

Rendimento: 5 pessoas

Ingredientes:

1 receita de massa folhada

Recheio:

750 gramas de camarão
1 cebola picada
4 colheres (sopa) de óleo
2 tomates, sal
pimenta-do-reino, louro, 2 ovos cozidos,
azeitonas sem caroços,
farinha de trigo

OBS.: O recheio do val-au-vent também pode ser um creme de galinha ou de cogumelo. Recheado com chantilly ou creme de baunilha, é uma ótima sobremesa.

Pode pôr um camarão inteiro, cozido, com um galhinho de salsa, saindo da tampinha para enfeitar.

1. Limpe os camarões; reservando as cascas e cabeças.
2. Lave bem as cascas e cabeças dos camarões; ponha-as numa panela, cubra-as com água e leve-as ao fogo para ferverem durante alguns minutos.
3. À parte, refogue os camarões com o óleo, a cebola picada, os tomates o sal, a pimenta-do-reino e o louro.
4. Junte ao refogado o caldo das cabeças e cascas dos camarões, devidamente coado.
5. Engrosse com farinha de trigo, tire do fogo e deixe esfriar.
6. Pronta a massa folhada, estenda-a com o rolo e corte-a em rodelas com um copo.
7. Com o auxílio de uma tampinha de lata, corte de leve, dentro dessas rodelas, um disco menor, sem ir até o fundo da massa.
8. Pincele a massa com gema de ovo, cuidadosamente, para que esta não escorra nas bordas das rodelas, o que impediria os vol-au-vent de crescerem.
9. Leve-os ao forno numa assadeira, até ficarem corados e assados.
10. Com uma faca separe as tampinhas, ou seja, os discos menores.
11. Coloque uma boa quantidade de recheio de camarão em cada vol-au-vent e torne a cobri-los com as tampinhas.

ACOMPANHAMENTO: Berinjela sauté

Rendimento: 4 a 5 porções

Ingredientes:

2 berinjelas grandes (ou 3 médias)
8 colheres (sopa) de azeite de oliva
1 dente de alho esmagado
1 folha de louro
2 tabletes de caldo de carne bem esmagados
4 colheres (sopa) de castanha de caju picada

1. Lave bem as berinjelas e corte-as em cubinhos. Enxugue-os em papel absorvente e reserve.
2. Leve ao forno uma panela junto com o azeite.
3. Quando estiver bem quente, despeje a berinjela e deixe dourar por 5 minutos, aproximadamente.
4. Adicione o alho, a folha de louro e o caldo de carne bem triturado.
5. Tampe a panela, deixando no fogo por mais 5 minutos.
6. Mexa os ingredientes cuidadosamente, dando apenas algumas sacudidelas na panela.
7. Em seguida, polvilhe a castanha de caju sobre a berinjela.
8. Sirva quente.

SOBREMESA: Torta de maçã

Rendimento: 20 porções

Ingredientes:

Massa: comum

Recheio:

maçãs, calda simples
1 receita de creme de maisena
Cobertura: creme de chantilly

1. Faça a massa, forre a assadeira e leve para assar. Deixe esfriar.
2. Corte as maçãs em fatias e passe-as na calda simples. Tome cuidado para que não se desfaçam. Separe algumas fatias para enfeitar a torta.
3. Deixe esfriar as fatias de maçã. Coloque-as sobre a massa, forrando-a. Adicione o creme de maisena.
4. Sobre o creme, coloque o chantilly e o restante das fatias de maçã.
5. Sirva gelada.

(Fontes de consulta: 6 capítulos de Garfo e Colher, Anderson, Clayton; Receitinhas para Você, Sesi, 1977; Cozinha Rápida)

MOISÉS:

Deus ouve os gemidos do seu povo (Êxodo, cap. 3 a 7)

Coloque nos tracinhos numerados abaixo o que se pede ao lado dos mesmos.

Uma vez preenchidos os tracinhos, transporte as letras para o diagrama seguindo o número que lhe é correspondido.

Você obterá uma frase do capítulo 3, versículo 7 do livro do Êxodo. (O texto extraído é da bíblia da AVE MARIA)

79	40	54	107	O Senhor (Ex 6,2)				
66	93	20	01	Centro (Ex 3,2)				
116	85	50	108	Motejo				
34	67	26	57	Cisterna (Gn 29,2)				
59	18	97	46	Que está no lugar mais alto; supremo; máximo. Aarão, irmão de Moisés, foi o primeiro a ocupar este lugar como sacerdote (Explicado no capítulo 29 do Êxodo)				
19	44	68	27	Cajado; ramo de árvore reto. Bastão usado como apoio nas caminhadas, símbolo do pastor, do poder, do comando, da deferência. (Ex 4,1; 4,20)				
08	69	42	63	96	Vim para baixo (Ex 3,8)			
60	48	115	119	51	País da África onde os israelitas eram escravos na época de Moisés. (Ex 5,4)			
113	53	62	70	120	Cavidade funda aberta na terra.			
90	22	92	105	78	Matagal; espinheiro (Ex 3,2)			
95	56	04	75	16	Montanha onde está o monte Horeb (Ex 3,1) Também nome numa região, deserto e península. (Ex 19)			
52	45	55	09	37	14	Mandou (Ex 3,13)		
17	76		81	72	33	Javé (Ex 3,14)		
23	49	64	05	35	111	Descendentes (Ex 4,20)		
103	98	15	32	109	77	Povo da Ásia ocidental (Ex 3,8). Moravam em Siquém na época de Jacó. (Gn 34,2)		
31	91	25	10	82	94	Libertador do povo escolhido (Ex 6,28)		
87	13	74	99	101	39	Retrocedeu; voltou para trás (Ex 4,3)		
110	47	114	36	28	121	Que servem; criados; escravos (Ex 5,15)		
21	38	83	03	24	12	89	Os que estavam lá (Ex 4,19)	
41	02	100	06	118	29	88	61	Ocultou; encobriu; tapou (Ex 3,6)
112	71	07	80	11	58	65	106	Vexame; tirania, sufocação (Ex 3,9)
84	104	73	86	117	102	43	30	Animal comum na Palestina e no Egito, muito mencionado na bíblia. Símbolo da divindade, perfídia e maldade. (Ex 4,4)

Norma Termignoni

01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20		
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40		
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58				
59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99			
100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121

(Ex 3,7)

Dogmas e Sacramentos

Parte VI

Pe. Eugênio Pessato, cmf

A CATEQUESE NA IDADE MÉDIA

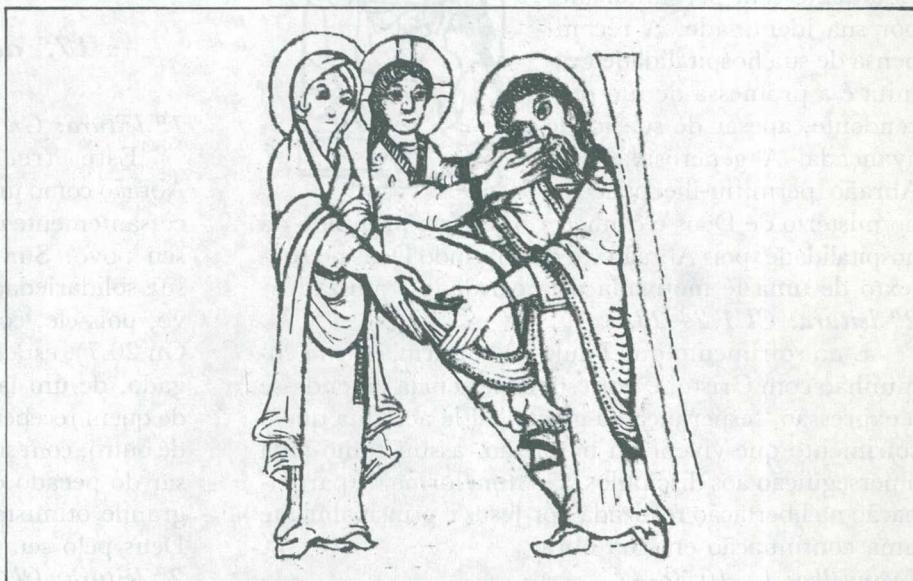
A catequese dos séculos nono ao décimo primeiro pode ser conhecida a partir de dois textos da época, destinados à formação dos seminaristas e monges.

1. "Explicação aos seminaristas por meio de perguntas e respostas" (*Disputatio puerorum per interrogationes et responsiones*). Este texto trata de temas como a Criação; o homem: imagem e semelhança de Deus; nomes bíblicos e filosóficos de Deus; as seis idades do mundo; resumo dos livros do Antigo Testamento; organização da Igreja; a missa como sacrifício e como rito. Termina com um brevíssimo comentário ao Creio e ao Pai-Nosso. Muitos temas da Catequese Patrística são conservados apesar de se encontrarem de maneira desorganizada.

2. *Os Lucidários ou Declaratórios*. São sínteses teológicas que na Idade Média eram destinadas aos futuros padres. Seguem mais ou menos a ordem do Creio em sua exposição: Criação - Encarnação - Vida de Jesus (Ressurreição). Apresentam também a Igreja como Corpo de Cristo; a Eucaristia; o pecado e o mal; culpas graves no contexto da época (comércio com os sacramentos e vida imoral dos padres e bispos).

A terceira parte do texto trata de temas muito discutidos ainda hoje como: Purgatório, Inferno, Juízo Final e Céu. Está muito bem explicada a Ressurreição e a relação entre Igreja e Eucaristia.

Estes documentos catequéticos mostram a evolução que começa a acontecer na vida da Igreja e da catequese, contrastando com a época dos Santos Padres, cuja catequese era Cristocêntrica. Na Idade Média tudo passa a ser ex-



plicado a partir da Trindade. De uma catequese sobre o ressuscitado ganha força um maior interesse pelos fatos históricos da vida de Jesus, especialmente de seus primeiros anos e da Paixão.

O "Lucidário", por exemplo, desenvolve a vida do Senhor a partir de dezenove perguntas que vão da Encarnação à vida oculta; seguem-se outras vinte e uma questões sobre a Paixão e onze a respeito da Ressurreição.

Quanto ao modo de apresentar a Igreja, surgem novas orientações, dando maior importância à Igreja como Instituição jurídica do que como Mãe ou como Corpo de Cristo.

Em relação aos sacramentos, a "Disputatio" não insiste na recepção freqüente da Eucaristia. Por isso, acredita-se que na Idade Média eram poucos os que comungavam.

Paralelamente, outra mudança deu-se quanto à questão do pecado. A catequese dos Santos Padres valorizava mais a pessoa pecadora do que o pecado. A Catequese Medieval, por sua vez, preo-

cupa-se mais com o pecado do que com o pecador.

Estas novas orientações trouxeram uma série de conseqüências para a teologia e a catequese da época e devem-se, provavelmente, a uma forte influência da mentalidade germânica neste período. Segundo os germanos, a realidade suprema pode ser percebida imediatamente.

Também a teologia e a piedade passaram a acentuar mais a Divindade de Cristo e Maria como mãe de Deus.

Convém acentuar que a mudança na catequese neste período deve-se também à influência dos povos bárbaros, que não possuíam fé esclarecida e fundamentada na Palavra de Deus.

Enfim, as lutas que surgiram no século XI entre o Sacerdócio e o Império, somadas à desordem quase geral que se seguiu à época que estamos vendo, resultou numa orientação do pensamento cristão mais voltada para a dimensão jurídica da Igreja e na ênfase ao "pecado" de seus membros.

CONTEMPLAÇÃO NA AÇÃO

16.º domingo do tempo comum
23/07/89

1.ª leitura: Gn 18,1-10c.

Apresentando-se três viajantes, Abraão os acolhe generosamente sem perguntar-lhes por sua identidade. A recompensa de sua hospitalidade gratuita é a promessa de um descendente, apesar de sua idade avançada. A generosidade de Abraão permitiu-lhe penetrar no mistério de Deus e conhecer o sentido profundo da hospitalidade, pois Abraão vai descobrindo Deus no contexto de uma fé motivada pela caridade e amizade.



2.ª leitura: Cl 1,24-28.

É no sofrimento que Paulo vê confirmada sua comunhão com Cristo, e por esta experiência entende-se a expressão “esperança da glória”. Ele acredita que o sofrimento que vivenciou na prisão, assim como toda a perseguição aos discípulos, são uma forma de participação na libertação realizada por Jesus e principalmente uma continuação em sua obra.

Evangelho: Lc 10,38-42.

Lucas ao dizer que Maria estava “sentada aos pés de Jesus e o escutava” quer indicar qual deve ser a atitude do discípulo. Se alguém quer segui-lo é preciso que o escute para poder agir em conformidade com sua palavra. A dedicação à atitude de escuta é o que o próprio Jesus qualifica de “a melhor parte”.

Comentário:

Abraão era claramente um homem religioso, mas sabia também ser prático e astucioso, pois acolheu os três viajantes com generosidade oriental. A hospitalidade é sagrada. Foi a “prática” da generosidade que o levou ao encontro de Deus e a ouvir sua promessa: um descendente iria continuar seu nome.

Marta assemelha-se de certa forma a Abraão. Exerce a prática das hospitalidades com muito empenho, mas corre o risco de esquecer o importante caráter divino de seu hóspede. Salva-se a situação pois há Maria para escutar sua palavra. Por trás da narrativa surge então uma grande lição: o empenho prático e a contemplação; são duas irmãs que moram juntas, embora uma escolha a melhor parte, sem a qual a vida perde o sentido: o divino que se manifesta no hóspede, no outro.

Deste modo, a reflexão da liturgia deste domingo é um grande apelo à comunicação verdadeira, fruto de uma prática cristã onde não se pode separar a fé da vida, a contemplação da ação. Deve sim, uma iluminar a outra levando nossa prática à mudança, à escuta.

Ilustrações: extraídas do Missal Dominical - Edições Paulinas

Jesus ensina a Marta que seu agir é importante, mas que não pode ser um fim em si mesmo. Os apelos do outro devem ser mais fortes que a nossa busca de realização pessoal.

DIA 24, 2.ª-f.: Ex 14,5-18; Mt 12,38-42. DIA 25, 3.ª-f.: 2Cor 4,7-15; Mt 20,20-28. DIA 26, 4.ª-f.: Eclo 44,1.10-15; Mt 13,15-17. DIA 27, 5.ª-f.: Ex 19,1-2.9-11.16-20b; Mt 13,10-17. DIA 28, 6.ª-f.: Ex 20,1-17; Mt 13,18-23. DIA 29, SÁBADO: Ex 24,3-8; Mt 13,24-30 ou Pr: 1Jo 4,7-16; Jo 11,19-27 ou Lc 10,38-42

PEDIR PARA RECEBER

17.º domingo do tempo comum
30/07/89

1.ª leitura: Gn 18,20-32

Este trecho apresenta Abraão como um orante que incessantemente pede a Deus por seu povo. Sua oração mostra sua solidariedade com esse povo, pois ele, como profeta (cf. Gn 20,7), está intimamente ligado, de um lado, com Deus, de quem recebeu sua vocação e, de outro, com sua gente, em cuja bondade acredita, apesar do pecado que lhe é imputado. Por isso, com um grande otimismo, com enorme confiança intercede a Deus pelo seu povo.



2.ª leitura: Cl 2,12-14

Na “lectio continua” da carta aos Colossenses, encontramos neste pequeno trecho um resumo condensado de uma teologia do batismo, seguindo o pensamento de Paulo em outros escritos seus (cf. RM, 6). O batismo não é somente um banho de purificação, de penitência como em João, nem mesmo um simples rito de iniciação como juntos aos essênios. O batismo para o cristão é a participação no mistério pascal de Cristo, isto é, na sua morte e na sua ressurreição. Pela fé somos imersos com nossos pecados, na morte de Cristo, e com ele ressuscitamos para uma vida nova, a vida da graça. Isto mostra que o batismo não é um rito mágico nem a continuidade de uma tradição, nem um cumprimento de um dever, mas sim a aceitação de cada um dos batizados em viver como Jesus viveu, assumindo toda a sua missão.

Evangelho: Lc 11,1-13

Esta perícópe é chamada “o catecismo lucano da oração”. Lucas é aquele evangelista que mais apresenta Jesus como orante (cf. Lc 3,21; 6,12; 9,18.28-29; 22,41-44) e assim ele se constitui o mestre e o modelo de oração para seus discípulos, e por isso é que eles lhe pedem: “Senhor, ensina-nos a rezar...” (v. 1). E Jesus lhes ensina o pai-nosso. Encontramos ainda algumas comparações que Jesus faz para mostrar que Deus, que é Pai, atende sempre aos pedidos incessantes de seus filhos (vv. 5-8), e que sempre dá aos seus filhos aquilo

que de melhor existe (vv. 11-13).

Comentário:

Como podemos ver, este 17º domingo do tempo comum nos conduz a uma reflexão sobre a oração cristã do exemplo do próprio Cristo que, como Mestre da oração, no-la ensinou. Isto é muito importante ter presente antes de qualquer outra consideração, pois se aprendemos a rezar com Jesus nunca deixaremos de ser atendidos. O tema da oração permanece como um dos temas de estudo, de reflexão em nossos dias, visto que existe uma problemática na oração. De um lado, temos as devoções pessoais, particulares como o terço, as novenas etc.; de outro, a oração litúrgica que fazemos em nossas celebrações. Existem ainda movimentos de oração como a renovação carismática e até mesmo grupos que buscam nos modelos de oração transcendental orientar esquemas novos de oração. Qual é a oração que mais segue o modelo de Jesus? É aquela que brota da experiência de Deus como Pai. Jesus nos ensinou a chamar a Deus de ABBA, que não quer dizer somente pai, mas papaizinho, expressando toda a confiança de quem ouve a voz do Pai, de sentir a sua ação misericordiosa, dando aos seus filhos “mais do que ousam pedir” (coleta do 27º domingo do tempo comum). É contemplação de Deus, abandono místico, experiência do infinito. Não é algo subjetivo sentimental, um voltar-se para si mesmo. Neste tipo de oração dificilmente será possível sentir a resposta de Deus que nos atende, que nos ouve. Quem experimenta Deus como Pai sempre verá atendido o seu pedido e saberá também elevar até ele o seu hino de louvor e de bênção.

LEITURAS DA SEMANA: JULHO, DIA 31, 2ª-f.: Sto. Inácio de Loyola, presb. Memória; Ex 32,15-24.30-34; Mt 13,31-35. **AGOSTO: DIA 1, 3ª-f.:** Sto. Afonso Maria Ligório, Memória; Ex 33,7-11.18-23; 34,4b-9.28; Mt 13,36-43. **DIA 2, 4ª-f.:** Ex 34,29-35; Mt 13,44-46. **DIA 3, 5ª-f.:** Ex 40,16-21.34-38; Mt 13,47-53. **DIA 4, 6ª-f.:** S. João Maria Vianney, presb. Memória; Lv 23,1.4-11.15-16.27.34b-37; Mt 13,54-58. **DIA 5, SÁBADO:** Lv 25,1.8-17; Mt 14,1-12.

ESTE É O MEU FILHO, O ELEITO, OUVI-O

Festa da Transfiguração do Senhor
6/08/89

1ª leitura: Dn 7,9-10.13-14

O texto do profeta Daniel, do século II a.C., é uma teofania, isto é, a manifestação de Deus, escrita num contexto apocalíptico no tempo da revolução dos macabeus (167-164 a.C.). O profeta procura animar a todos de modo que tenham esperança diante das perseguições por que passam os fiéis diante da lei, da alian-



ça. O Filho do Homem é figura do Messias esperado, numa palavra de Jesus, que por diversas vezes assim se identificará (Mt 24,30; 26,64).

2ª leitura: 2Pd 1,16-19

A segunda carta de São Pedro é um escrito tardio, possivelmente o último do Novo Testamento, em sentido cronológico. O texto escolhido para o dia de hoje faz um apelo a uma resposta concreta dos cristãos diante da manifestação de Cristo como Filho de Deus. “A transfiguração é como a revelação da Palavra, uma palavra superior a dos profetas.” (G. Ravasi) Esta revelação é luz que já ilumina, mas que irá brilhar ainda mais plenamente na ressurreição.

Evangelho: Lc 9,28b-36

Cada um dos evangelhos sinóticos (Mt, Mc, Lc) lidos respectivamente nos ciclos A,B,C do lecionário da missa para esta Festa da Transfiguração do Senhor, apresenta características próprias, as quais dão um significado diferente ao mesmo fato, ou ao menos o situam num contexto novo, salientando um ou outro aspecto que mais está em sintonia com a teologia do evangelista. No Evangelho de Lucas, Jesus está em oração, e a transfiguração é uma “experiência que Cristo está vivendo profundamente conexa com o seu contínuo diálogo interior com o Pai” (G. Ravasi). Outro particular de Lucas é o assunto do qual estão falando Moisés, Elias e Jesus — falam do êxodo, da partida de Jesus (v. 31). E, por fim, a revelação: Este é o meu Filho, o escolhido, ouvi-o sempre. É a manifestação, a revelação de que ele é o Filho de Deus, escolhido desde sempre a realizar a missão salvífica do plano do Pai.

Comentário:

Esta Festa da Transfiguração do Senhor é muito antiga na vida da Igreja (desde o século V). Ela tem uma relação muito íntima com a celebração da Páscoa, pois é na transfiguração ou através da transfiguração que Jesus mostra para seus discípulos que sua vida é um mistério de humanidade visível e um mistério da divindade, isto é, de glória e de luz. A transfiguração quer mostrar para os discípulos que o “escândalo da cruz” (cf. Prefácio) não é o fim; a vitória está na ressurreição e na glória à direita do Pai. A eucologia desta festa é muito rica e nos dá alguns elementos práticos para a atualização deste mistério que celebramos. Em primeiro lugar, a coleta nos recorda a voz do Pai que disse: “Ouvi-o sempre”. Somos chamados desde o batismo a viver uma vida nova, transfigurada. Isto não acontece automaticamente, mas é preciso um empenho em ouvir a voz do Pai, a Palavra de Deus que nos é revelada, particularmente na celebração eucarística. É esta palavra ouvida que nos vai questionar e nos levar à conversão, de modo que não existam em nós “as manchas do pecado” como diz a oração depois das oferendas. Por fim, a oração depois da comunhão nos faz conhecer nossa verdadeira identidade: “sermos transformados em imagem de Cristo”.

Um último ponto a considerar é o fato de que é na oração que Deus se revela de forma privilegiada, como se manifestou a Cristo o seu Filho na transfiguração.

LEITURAS DA SEMANA: DIA 7, 2ª-f.: Nm 11,4b-15; Mt 14,13-21. DIA 8, 3ª-f.: São Domingos, presb. Memória; Nm 12,1-13; Mt 15,1-2.10-14. DIA 9, 4ª-f.: Nm 13,1-2a.25-14,1.26-29.34-35; Mt 15,21-18. DIA 10, 5ª-f.: São Lourenço, Diác. Festa; 2Cor 9,6-10; Jo 12,24-26. DIA 11, 6ª-f.: Santa Clara, Vg. Memória; Dt 4,32-40; Mt 16,24-28. DIA 12, SÁBADO: Dt 6,4-13; Mt 17,14-20.

ESTEJAM PREPARADOS

19.º domingo do tempo comum
13/08/89

1ª leitura: Sb 18,6-9

O Livro da Sabedoria é apresentado como uma exortação dirigida à comunidade da Diáspora, na Alexandria. O trecho que lemos hoje na liturgia faz parte de um contexto mais amplo (cc. 10-19), onde se faz uma releitura sapiencial na história de Israel, dando particular atenção ao acontecimento do êxodo. De fato, aparece no texto a citação da coluna de fogo (v. 3) que guia os hebreus na noite da liberdade do Egito (cf. Ex 13,21-22; 14,24); e nos versículos 6-8 mostra-se que Deus, castigando os inimigos (os egípcios), dará a salvação ao seu povo, realizando as suas promessas.

2ª leitura: Hb 11,1-2.8-19 (abrev. 1-2.8-12)

Esta perícopé parece uma solene homilia que procura mostrar aos cristãos a importância da fé tendo como tipologia a vida de Abraão, o pai da fé (vv. 8-10.17-19). E, juntamente com ele, também aparece Sara que, estéril e anciã, concebe um filho, Isaac (v. 11). Mesmo sem ter contemplado a realização de todas as promessas feitas por Deus (v. 13), chegaram pela fé a possuir o que esperavam, já que ela é um meio de se conhecer o que não se vê (v. 1).

Evangelho: Lc 12,32-48 (abrev. 35-40)

Este texto que hoje lemos nos apresenta três parábolas de Jesus sobre a vigilância no seu aspecto escatológico. A primeira (vv. 36-38) fala do patrão que ao voltar das núpcias, altas horas da noite, encontra os seus servos vigilantes. A segunda (vv. 39-40) fala do ladrão que inesperadamente entra na casa para roubar. E, a terceira (vv. 42-48), fala do administrador que é fiel ao seu trabalho e sempre está pronto a prestar contas ao seu patrão. Em todas estas parábolas encontramos a insistência à prontidão, ao compromisso com a escolha que foi feita anteriormente, isto é, a vida de fé, a vida cristã.

Comentário:

Como podemos notar, este 19.º domingo do tempo comum tem como tema a vigilância cristã. O apelo a estar preparados para não perder a oportunidade de libertação (“Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas” — v. 35). Como os hebreus que em meio da noite deixaram às pressas o Egito para se tornarem um povo livre, assim devemos estar “prontos para o que der e vier”, como se diz popularmente.

A primeira leitura ao nos recordar o evento do êxodo nos ajuda a compreender a vida cristã atenta e vigilante do evangelho como uma peregrinação, como uma caminhada rumo à meta da libertação plena na vinda gloriosa de Cristo, à realização plena do seu Reino. Esta caminhada é marcada de tensão, de movimento, de esperança e de fé. Estes elementos, particularmente a fé e a esperança, estão também presentes na segunda leitura, pois acreditar é “possuir o que se espera” (v. 1) e ver realizados os anseios, os desejos da fé. Hoje, este tema sobre a escatologia é muito atual, particularmente em nossa situação brasileira: aguardamos transformações na ordem política, na ordem social e econômica — mas não se pode ficar esperando de braços cruzados —; o Evangelho nos mostra que a vigilância implica num compromisso de ação, para que não se fique parado: é preciso sair da própria terra e buscar uma nova pátria (1ª leitura); é mister trabalhar com coragem, sem medo, para que em seu retorno o patrão encontre as contas em dia (Evangelho). Concluindo, a mensagem da escatologia é concreta e prática, o que nos cabe é o compromisso e a vigilância.

Pe. Vitor Pedro Calixto dos Santos, cmf

LEITURAS DA SEMANA: DIA 14, 2ª-f.: S. Maximiliano Maria Kolbe, presb. Memória; Dt 10,12-22; Mt 17,22-27. DIA 15, 3ª-f.: Dt 31,1-8; Mt 18,1-5,10.12-14. DIA 16, 4ª-f.: Dt 34,1-12; Mt 18,15-20. DIA 17, 5ª-f.: Js 3,7-10a.11.13-17; Mt 18,21-19,1. DIA 18, 6ª-f.: Js 24,1-13; Mt 19,3-12. DIA 19, SÁBADO: Js 24,14-29; Mt 19,13-15.

AM Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 22.689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67 e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) n.º 14.696

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Horácio Menegat, Antônio Maurício Rocha Lima
Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo. AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54215 (CEP 01296) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista Ave Maria — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: NCZ\$ 1,50, assinatura nova e renovação: NCZ\$ 15,00; assinatura de benfeitor: NCZ\$ 30,00

O "OITAVO SACRAMENTO": A TERRA SANTA

Frei Luís Maria Sartori

A humanidade de hoje, em sua oscilação histórica, depois de ter vivido as despersonalizações dos campos de concentração do nazismo, do fascismo, do comunismo, do castrismo, despertou para o HOMEM.

Daí o humanismo que hoje se vê reclamado, defendido, estudado e até mal interpretado.

O perigo é a humanidade cair no outro extremo do humanitarismo absoluto, auto-suficiente, esquecendo sua relatividade de criatura e sua dependência de Deus e do Cristo, Homem de Deus.

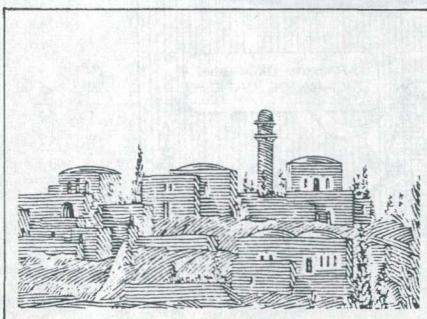
O homem só encontrará sua plenitude em Cristo. Fora dele, será uma autodivinação que terminará pela autodestruição. Só o Cristo na sua humildade é que nos leva ao humanismo pleno e a Deus.

Por isso, dizemos: Deus que fez o homem, se fez homem, para dizer ao homem o que é ser homem e como se vive como homem.

Para "sentirmos" esta "nova humanidade", esta "vida nova" trazida por Cristo, aquilo que já foi chamado de "oitavo sacramento", tem não só servido, mas tem crescido enormemente nos últimos dias: a peregrinação à Terra Santa.

Terra Santa, terra sacramentada pela presença do Filho de Deus, santificada pela vida de Jesus, é uma terra que tem de ser visitada em verdadeira peregrinação.

Peregrinação para nós é a encarnação que os locais santificados nos oferecem, é a mensagem espiritual que o mistério vivido por Cristo em cada local nos traz; é a palavra de Deus pronunciada naquele local, palavra da Bíblia lida por nós no local onde foi falada; peregrinação é sentir a proximidade do passado no presente por meio da



história e da arqueologia que nos faz reviver a presença eterna do verbo entre nós; peregrinação é a liturgia viva, revivendo em toda a realidade que a fé nos garante o mistério humano-divino do Cristo.

Em resumo, **Peregrinação é o Cristo Homem-Deus** revivido em todas as suas presenças nesta terra, como nosso irmão, nosso amigo, nosso redentor, nosso caminho, verdade e vida e nosso Deus.

Havendo vivido em Israel e tendo já feito 12 viagens à Terra Santa, para onde levamos conosco 325 peregrinos, entre dois bispos, 31 sacerdotes, quinze religiosas e 277 leigos, de quem temos o testemunho escrito de quase todos eles, achamos que uma peregrinação não pode ser turismo, que a Terra Santa como um "oitavo sacramento" não pode ser visitada "sacrilegamente" em correrias desatadas.

Uma peregrinação assim tem o efeito de um curso, de um retiro; tem o efeito de uma vida comunitária. Experimentem os leitores e verão por si mesmos. Venham à Gênese Viagens e Turismo e inscrevam-se na QUO VADIS.

Endereço: Av. São Luis, 50 - 5.º andar - Conj. 52-E
CEP 01046 - São Paulo - SP
Fone: (011) 257-9511

VIAJAR FICOU MAIS FÁCIL E ECONÔMICO

EXODUS

Um programa que une o **VELHO e NOVO TESTAMENTO**

Saída: 15/09/89
Preço: Parte Aérea: US\$ 2.249,00
Parte Terrestre: US\$ 1.550,00

SANTUÁRIOS DA ESPANHA E PORTUGAL

15 dias de duração, visitando: Madrid - Zaragosa - (Virgem del Pilar) - Lourdes - Santiago de Compostela - Fátima - Lisboa.

Saídas: 03 e 17 de jul. 04 e 08 de set.
15 de maio 02 de out.
06 de nov.

Extensão à Terra Santa e a Medjugorie

SANTUÁRIOS DA EUROPA

22 dias de viagem visitando: Madrid - Zaragosa - Lourdes - Paris - Lisieux - Zurich - Turin - Pádua - Veneza - Assis - Roma.

Saídas: 17 e 31 de jul. 11 e 25 de set.
28 de ago. 30 de out.

Extensão à Terra Santa e a Medjugorie.

SAÍDAS TODAS AS QUARTAS-FEIRAS PARA:

ROMA - MILÃO - PARIS - LONDRES
FRANKFURT, COM PREÇOS ESPECIAIS,

• CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL-SEUL - OUTUBRO 1989

Solicite folheto, enviar.do o recorte abaixo:

GENESIS Turismo

Av. São Luis, 50 - 5.º andar
Cj. 52-E - CEP 01046 - SP
Fone.: (011) 257-9511 - Telex (011) 38370
Embratur 06933-00-41-1

Nome

Endereço

..... fone

Cidade

Estado.....CEP.....

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortês)

A força para renovar a Igreja e o mundo não virá das instituições. Estas podem servir para conduzir, mas não para mover. A revolução virá e já está vindo, mas não está sendo registrada pelos cronistas, nem pelos boletins oficiais das dioceses.



SLOLYN



TE
CONHECI...
TE
CONSAGREI...
TE
ENVIO...
(Je 1,4-9)



AQUI ESTOU SENHOR
VENHA JUNTAR-SE A NÓS
NA GRANDE MISSÃO DO
REINO

Escreva para:
**Irmãs Missionárias
de S. José**
Rua Visconde
Itaboraí, 524
28 025 - Campos - RJ.

Senhor,
o nosso coração
está inquieto...
(S. Agostinho)

Você não está
inquieto? inquieta?
Jovem, qual o seu ideal?

**VIDA RELIGIOSA
AGOSTINIANA:**

- Vida de oração
- Comunidade Fraterna
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

INFORMAÇÕES EM NOSSO
SECRETARIADO VOCACIONAL
Irmãs Agostinianas Missionárias
Padres Agostinianos
R. Eng. Figueiredo, 31 - Vila Mariana
04012 - São Paulo - SP
Fone: (011) 571-8959



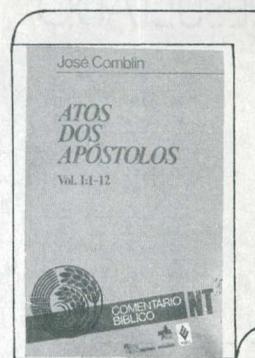
POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO: PARTICIPAÇÃO POPULAR - Pedro Gilberto Gomes, Marcia Cruz Piva, organizadores; Edições Paulinas, 231 páginas. Neste livro encontramos o resultado do XV Congresso Brasileiro de Comunicação Social, onde foi discutida a participação popular no estabelecimento de comunicação. Foram discutidos também os aspectos conceituais das políticas de comunicação, bem como as políticas de produção e ensino que a indústria cultural e os diversos movimentos e universidades afirmam na sua prática comunicacional. Temos aqui então as posições das Igrejas, dos movimentos populares, dos sindicatos e das universidades, sobre o problema. A finalidade a ser atingida é uma comunicação verdadeira, pacífica, democrática e participativa. A atual Constituição traz um capítulo sobre comunicação social. Entretanto, muitos pontos foram remetidos à legislação ordinária. Cabe a nós uma grande mobilização popular para o estabelecimento, na legislação ordinária, de uma política de comunicação que signifique realmente uma democratização. As reflexões deste livro trazem elementos para uma fundamentação dessa luta a ser encetada.



COMUNICAÇÃO GRUPAL LIBERTADORA — José Martínez Terreiro, Edições Paulinas, 315 páginas. Esta monografia dá ênfase à metodologia grupal libertadora, enquadrando-a num projeto político, procurando auxiliar aos que trabalham em nível de comunicação popular. As experiências foram tomadas fundamentalmente na vivência da América Latina, mas há nessas vivências elementos comuns a todos os países do Terceiro Mundo. O livro se dirige a todos os que estejam interessados em comunicação popular alternativa, em teoria crítica ou nas novas correntes do pensamento comunicacional na América Latina. Nesse projeto o homem é colocado como sujeito da sua história. O valor do presente trabalho consiste no fato de, pela primeira vez, se relacionar comunicação e transformações sociais na sociedade com as grandes concentrações de poder. No final do livro o autor analisa as possibilidades e as limitações da comunicação grupal em função da libertação. Livro recomendado aos que trabalham em nível de comunicação popular, aos que praticam a comunicação grupal, aos programadores e planejadores nacionais e internacionais de comunicação e educação.



O PODER INFINITO DA ORAÇÃO — Lauro Trevisan, Editora da Mente, 175 páginas. O autor procura analisar os argumentos que afirmam que a oração é algo do passado, resquício da ignorância dos antigos, superstição religiosa, hábito sem fundamento e, depois, começa a desvendar o fantástico mistério que leva o ser humano, desde os seus primórdios até a idade evoluída de hoje, a orar. Com a leitura deste livro o leitor entrará em contato com a força mais poderosa do mundo, a força da oração — que é a soma do poder da mente, do poder da fé e do poder de Deus na criatura humana. Não é à toa que o Mestre Jesus revelou: “Tudo o que pedirdes com fé, na oração, alcançá-lo-eis” (Mt 21,22). Este livro ensina a nadar nas águas da vida e, principalmente, põe à sua disposição os meios capazes de salvá-lo nas horas de perigo, nos momentos em que tudo parece perdido. Livro recomendado para religioso ou não, crente ou descrente, católico ou evangélico, espírito ou ateu, jovem ou idoso, rico ou pobre, porque sempre chegará o dia em que você precisará lançar mão da força mais poderosa do mundo, a fim de resolver a sua situação desesperadora: A Oração.



ATOS DOS APÓSTOLOS — José Comblin, Editora Vozes, 214 páginas. Um grupo de biblistas católicos e protestantes, que trabalham há muito tempo com o povo e querem pensar os seus problemas, decidiu pôr no papel a interpretação que os pobres fazem da bíblia. Sem abdicar de sua formação científica, tentam exprimir o sentido que os pobres gostariam de exprimir, mas não são capazes, por falta de estudos e recursos. Apresentam um comentário sobretudo prático, pastoral, aos pobres, líderes comunitários, coordenadores de círculos bíblicos e a todos os que simpatizam com o povo simples.



VOCÊ!... VOCÊ GOSTARIA DE DESABAFAR? — Helando M. de Souza, Editora Vozes, 153 páginas. Através de cenas emocionantes do nosso dia-a-dia, o autor, que é professor e parapsicólogo, através da “Linguagem Universal Não-Diretiva” faz o leitor observar que o fracasso, culpa, erro, queda guardam em si o segredo da superação e a lição de como pode entrar e participar da festa da vida e como erguemo-nos fortalecidos de nossos reveses. O autor deste livro é também um dos fundadores da instituição “Telefone Amigo”, no Rio de Janeiro. Hoje há vários Centros de Valorização da Vida pelo Brasil a fora. É conhecido como CVV.

Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:
LIVRARIA AVE MARIA
Cx. Postal 54.215
01226 — SÃO PAULO
(Tels.: 66-0582 e 825-0700)

- Políticas de Comunicação: Participação Popular 5,50
- Atos dos apóstolos 5,65
- Comunicação Grupal Libertadora 8,00
- O Poder Infinito da Oração 8,00
- Você!... Você Gostaria de Desabafar? 5,57

Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a NCz\$ 10,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por vale postal ou cheque nominal.

Nome: _____
Endereço: _____ N.º _____
Cidade: _____ Estado: _____
CEP: _____ Assinatura: _____



RESULTADO

D	E	U	S		
79	40	54	107		
M	E	I	O		
66	93	20	01		
M	O	T	E		
116	85	60	108		
P	O	E	O		
34	67	26	57		
S	U	M	O		
59	18	97	46		
V	A	R	A		
19	44	68	27		
D	E	S	C	I	
08	69	42	63	96	
E	A	I	T	O	
60	48	115	119	51	
F	O	S	S	O	
113	53	62	70	120	
S	A	R	E	A	
90	22	92	105	78	
S	I	N	A	I	
95	56	04	75	16	
E	N	V	I	Q	U
52	45	55	09	37	14
E	U	S	O	U	
17	76	81	72	33	
F	I	L	H	O	S
23	49	84	05	35	111

H	E	V	E	U	S		
103	98	15	32	109	77		
M	O	I	S	S	O		
31	91	25	10	82	94		
R	E	C	U	O	U		
87	13	74	99	101	39		
S	E	R	V	O	S		
110	47	114	36	28	121		
A	Q	U	E	L	E	S	
21	38	83	03	24	12	89	
E	S	C	O	N	O	E	U
41	02	100	06	118	29	88	61
O	P	R	E	S	S	A	O
112	71	07	80	11	58	65	108
S	E	R	P	E	N	T	E
84	104	73	86	117	102	43	30

EM SOROCABA, SP, MARIA DE CÁSSIA G. NASCIMENTO aos 02/03/89. Pe. GERALDO FERREIRA LIMA aos 08/02/89. Em Limeira, SP, CÔNEGO SYLVESTRE ROSSI aos 28/03/89.

O	S	E	N	H	O	R	D	I	S	S	E	E	U	V	I	E	U	V	I		
01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20		
A	A	F	L	I	C	A	O	D	E	M	E	U	P	O	U	O	Q	U	E		
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40		
E	S	T	A	N	O	E	G	I	T	O	E	O	U	V	I	O	S				
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58				
S	E	U	S	C	L	A	M	O	R	E	S	P	O	R	C	A	U	S	A	O	E
59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
S	E	U	S	O	P	R	E	S	O	R	E	S	S	I	M	E	U				
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99			
C	O	N	H	E	C	O	S	E	U	S	S	O	F	R	I	M	E	N	T	O	S
100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121

Sr. Diretor

Escrevo-lhe para dizer que estou mandando de presente uma ASSI-NATURA da revista Ave Maria para:

Sr(a). _____

Rua _____ N.º _____

CEP _____ Cidade _____ Est. _____

UTILIZE O CUPOM RECIBO/DEPÓSITO.
É MAIS FÁCIL, É MAIS ECONÔMICO,
É MAIS RÁPIDO.

E estou enviando para a **Revista AVE MARIA**
R. Martim Francisco, 656
01226 SÃO PAULO - SP
o pagamento de NCz\$ 15,00 pelo seguinte modo (assinale com X):

- Depósito no Banco Itaú S/A
- Ordem de Pagamento do Banco _____
- Cheque (cruzado) do Banco _____
- Vale Postal

Meu nome: _____

Rua _____ N.º _____

CEP _____ Cidade _____ Est. _____

Assinatura: _____

REVISTA AVE MARIA 07.89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA	FINALIDADE	VALOR	AG. CENTRALIZADORA	FINALIDADE	VALOR
0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	<input type="checkbox"/> assinatura nova	NCz\$ 15,00	0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	<input type="checkbox"/> assinatura nova	NCz\$ 15,00

AG.	CONTA	DAC	CEP	CIDADE/ESTADO	AG.	CONTA	DAC	CEP	CIDADE/ESTADO
0186	18.081	6	01.238	SÃO PAULO - SP	0186	18.081	6	01.238	SÃO PAULO - SP

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO: _____

REVISTA AVE MARIA 07.89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA	FINALIDADE	VALOR	AG. CENTRALIZADORA	FINALIDADE	VALOR
0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	<input type="checkbox"/> assinatura nova	NCz\$ 15,00	0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	<input type="checkbox"/> assinatura nova	NCz\$ 15,00

AG.	CONTA	DAC	CEP	CIDADE/ESTADO	AG.	CONTA	DAC	CEP	CIDADE/ESTADO
0186	18.081	6	01.238	SÃO PAULO - SP	0186	18.081	6	01.238	SÃO PAULO - SP

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO: _____

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

AVE MARIA

A MAIS ANTIGA REVISTA CATÓLICA MARIANA DO BRASIL



Ao completar 91 anos de vida, a revista Ave Maria continua prestando, junto às famílias cristãs de todo o Brasil, inúmeros serviços de grande utilidade, sem esquecer a cultura, o lazer e principalmente, a orientação religiosa.

Todo mês a revista AM traz artigos que abrem caminhos para reflexões, questionamentos e respostas a tantas dúvidas do homem de hoje no que diz respeito à fé, esperança, justiça e principalmente religião dentro da realidade atual. Assuntos sobre Nossa Senhora, catequese, liturgia. A Bíblia pensada, compreendida e integrada ao nosso dia-a-dia. Enfim, uma revista que transmite o Evangelho, um suporte para fortalecer a fé e levar conforto espiritual aos seus leitores, além de notícias da Igreja no mundo e também receitas práticas e passatempos.

E, agora, ela dá uma sugestão a Você:

Você já pensou em dar uma assinatura de presente a um parente, amigo, vizinho ou alguém que Você estima e quer bem?

Se você não tem tempo de sair de casa para procurar, escolher e comprar uma lembrança, ou se aborrece em andar procurando um presente útil, aproveite a nossa sugestão, ofereça uma assinatura da revista AM de presente.

É um presente sempre interessante, útil e barato, e dura um ano inteiro. E todos os meses Você será lembrado com admiração e alegria.

Aproveite a oportunidade e Você sentirá a satisfação de estar contribuindo no anúncio da Boa-Nova.

Acredite, sempre é tempo para dar e para receber um bom presente.

ASSINATURA — COMO FAZER?

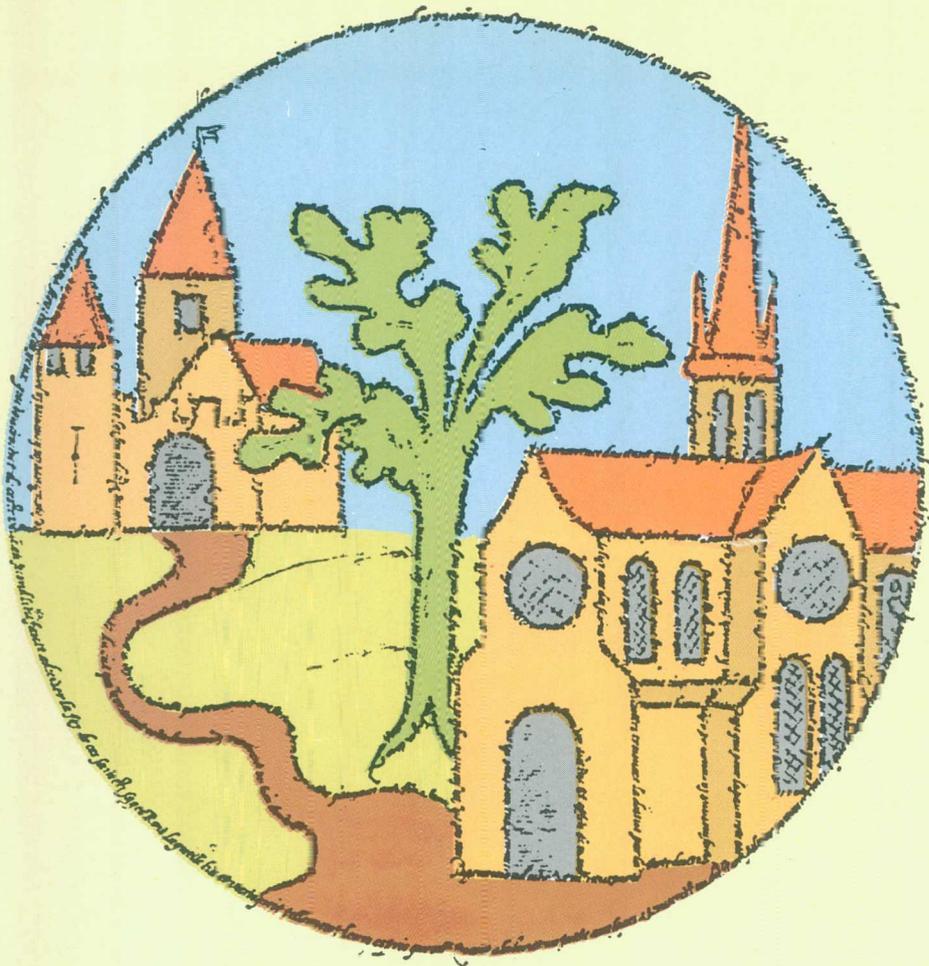
- Preencha o RECIBO/DEPÓSITO (veja o cupom ao lado) e deposite-o em qualquer agência do Banco Itaú.
- Se em sua cidade não houver agência do Itaú, utilize um dos três modos que seguem:

- 1 - Por **ordem de pagamento**, feito em qualquer banco.
- 2 - Por **cheque** (cruzado) pagável em São Paulo SP, remetido por carta.
- 3 - Por **vale postal**, feito no correio. Mandar para a agência Santa Cecília, SP, código 403911.

Em todos os 3 casos o pagamento deve ser sempre em nome da revista AVE MARIA.

- Se preferir, e morar fora da cidade de São Paulo, ligue a cobrar: (011) 66-2128 e (011) 66-2129

obs.: Se Você quiser, teremos o maior prazer em escrever ao novo assinante, revelando quem foi a pessoa que gentilmente deu o presente. Se é este o seu desejo, basta preencher os dados ao lado (veja o cupom superior), destacar e remeter para a revista Ave Maria.



ESTOU ENVELHECENDO

Senhor:

Sabes, melhor do que eu, que estou envelhecendo e que, mais dia menos dia, farei parte dos velhos.

Guarda-me daquela mania fatal de acreditar que é meu dever dizer algo a respeito de tudo e em qualquer ocasião. Livra-me do desejo obsessivo de pôr ordem nos negócios dos outros. Torna-me refletida, mas não ranzinza; serviçal, mas não autoritária. Acho uma pena não utilizar toda a imensa reserva de sapiência que acumulei por longos anos, mas bem sabes, Senhor, que faço questão de conservar alguns amigos. Segura-me quando eu começar a desfiar detalhes que não acabam mais.

Sela meus lábios acerca de minhas mazelas e doenças, embora estas aumentem sem cessar e, com o passar dos anos, me dê certo prazer enumerá-las.

Não me atrevo a pedir-Te que eu chegue até a gostar de ouvir as outras pessoas quando desenrolam

a ladainha dos próprios sofrimentos, mas ajuda-me a suportá-las com paciência. Não me atrevo a reclamar uma memória melhor; dá-me, porém, uma crescente humildade e menos suscetibilidade quando minha memória esbarrar na dos outros. Ensina-me a gloriosa lição de que pode até acontecer que me engane. Toma conta de mim. Não é que eu tenha tanta vontade de ficar santa (com certos santos, é tão difícil viver junto.) mas um velho, além de velho e amargo, é com certeza, uma das supremas invenções do diabo. Faze-me capaz de ver algo de bom onde menos se espera e de reconhecer talentos em gente na qual estes não se percebem. E dá-me a graça de proclamá-lo, AMÉM.

Tradução feita por E. Lucas Moreira Neves da oração de uma velha moça, do século XVII, encontrada nos mult centenários arquivos da Igreja de Canterbury, Sé da Religião Anglicana.